

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS



**Discussão sobre as dificuldades tradutológicas do livro *The
Crack of Doom* de Robert Cromie**

Daniel Ferreira Jerónimo

Trabalho de projeto orientado pela
Professora Doutora Anabela Gonçalves,
especialmente elaborado para a obtenção do grau de mestre em Tradução

2021

Agradecimentos

Expresso gratidão a todos os que me motivaram a concretizar este trabalho de projeto.

À minha mãe, ao meu pai, ao meu irmão e aos meus familiares, que sempre acreditaram em mim e me transmitiram confiança.

À minha orientadora, Professora Doutora Anabela Gonçalves, que me guiou neste percurso académico.

Índice

Resumo	5
Abstract	6
1. Introdução	7
2. Vida e Obra de Robert Cromie	9
3. Algumas considerações sobre Tradução	11
3.1. A Tradução em geral	11
3.2. Desafios da tradução de texto literário do género <i>Ficção Científica</i>	17
3.3. A tradução de texto das épocas passadas	20
3.4. Reflexões sobre o futuro da Tradução/ do tradutor	22
4. Comentário à tradução	28
4.1 As tendências deformantes de Berman (1984)	28
4.2. Léxico	43
4.2.1. Questões terminológicas	45
4.2.2. Aspetos do Léxico Geral	50
4.3. Coesão referencial	65
4.4. Erros casuais	68
4.5. Questões culturais	69
5. Conclusão	73
Sitografia	75
Bibliografia	79

Resumo

Este trabalho de projeto tem dois objetivos gerais. O primeiro consiste em apresentar uma tradução inédita de onze capítulos do livro *The Crack of Doom*, escrito por Robert Cromie, da sua versão original, em língua inglesa, para a língua portuguesa. Trata-se de um livro escrito em 1895, que tem como tema principal o fim do mundo provocado por uma catástrofe nuclear. O segundo objetivo consiste em discutir algumas das opções tradutológicas. Com efeito, tratando-se de um livro escrito no século XIX surgiram, naturalmente, algumas questões de tradução quer a nível linguístico (nomeadamente, lexical) quer a nível cultural que são discutidas no presente relatório. Sendo as opções de tradução sempre discutíveis, procura-se justificar aqui as escolhas que fiz, enquanto tradutor. Essas escolhas são justificadas, tanto quanto possível, no âmbito de estudos sobre tradução, o que permite refletir sobre hipóteses teóricas, com base em dados empíricos.

Palavras-chave: Tradução de textos não contemporâneos, Ficção científica, Terminologia, Adaptação cultural.

Abstract

This project work has two objectives. The first objective is to expose an unpublished translation of eleven chapters of the book *The Crack of Doom*, written by Robert Cromie, from its original English version, to the Portuguese language. This is a book written in 1895; it has as its main theme the end of the world by means of a nuclear catastrophe. The second objective is the commentary about the options of translation. Because it is a book written in the XIX century, many translation matters arose, and those matters (linguistic and cultural matters) are debated in this particular project work. The paths that I took as a translator are debatable and questionable, and I intend to justify my options in this document: these options are justifiable, as much as they can be, with the studies of translation in mind, which makes it possible to think about theoretical hypotheses based on empirical data.

Keywords: Translation of non-contemporary texts, Science Fiction, Terminology, Cultural adaptation.

1. Introdução

O presente trabalho de projeto foi realizado no âmbito do Mestrado em Tradução da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Tem como objetivos:

- (i) apresentar a tradução inédita de parte da obra *The Crack of Doom*, de Robert Cromie, título aqui traduzido como *O Dia do Juízo Final*;
- (ii) discutir algumas questões que se colocaram durante o processo tradutório, especialmente pelo vocabulário específico do século XIX, época em que se passa a história do livro.

O livro *The Crack of Doom* é uma obra de Ficção Científica precursora dos eventos relacionados com a energia atômica que temporalmente se lhe seguiriam. Um herói combaterá neste livro as forças do mal que estão dissimuladas numa sociedade de cientistas malévolos que têm como objetivo destruir completamente o planeta Terra. Achei interessante Robert Cromie ter sido um visionário nessa matéria específica. O facto de este autor ter sido um pioneiro na ficção apocalíptica relacionada com o desenvolvimento e a má utilização da energia nuclear foi um forte incentivo que me motivou a escolher realizar a tradução e a realizar este relatório de projeto sobre o referido livro.

A tradução do livro *The Crack of Doom* compreende 11 capítulos, os quais correspondem a 11 dos 20 capítulos do livro original.

O trabalho de projeto, por sua vez, integra, para além da presente “Introdução” e da “Conclusão”, o “Resumo” e três capítulos. No capítulo 2, intitulado “Vida e Obra”, apresento o autor e o livro.

Segue-se o capítulo intitulado “Algumas considerações sobre a Tradução”, no qual procedo à análise de generalidades da Tradução, o seu passado e o seu futuro.

O quarto capítulo consiste no comentário da tradução. Neste ponto, considerarei essencialmente questões de natureza lexical (em particular, relacionadas com terminologia e com léxico geral) e de natureza cultural, com impacto sobre as escolhas linguísticas.

Ao longo do presente relatório, serão analisados exemplos que constam da tradução por mim realizada e que considero relevantes para os temas a discutir. Dessa forma, discutirei e justificarei as opções tomadas comparando a língua de partida (o inglês) com a língua de chegada (o português).

2. Vida e Obra de Robert Cromie

O presente capítulo tem como objetivo central a apresentação do autor e do livro cuja tradução realizei.

Robert Cromie, o autor do livro *The Crack of Doom*, nasceu em Clough, na Irlanda do Norte, em 1855, tendo vindo a falecer em Belfast, em 1907. Foi jornalista e escreveu alguns livros, como *For England's Sake*, publicado em 1889, e *A Plunge into Space*, publicado em 1890. Contudo, a sua obra de maior sucesso foi o seu terceiro livro de Ficção Científica, *The Crack of Doom*, publicado em 1895.

A ação da obra *The Crack of Doom* situa-se no ano 2000, considerado o último ano antes do século XXI. A personagem principal da obra, e também o seu narrador (narrador autodiegético, neste caso), é Arthur Marcel, um inglês ativo e atlético (segundo a sua autodescrição) de trinta e um anos de idade que estudou Medicina, mas que não terminou o curso. Numa viagem de barco, encontra um indivíduo chamado Herbert Brande, líder de uma sociedade científica extremista, com intenções de destruir o planeta Terra para o devolver ao éter inicial do Universo. Esta sociedade malévola — denominada Sociedade *Cui Bono* — defende crenças, como o feminismo, que o autor considera inaceitáveis mesmo que previstas para se concretizarem num século mais avançado do que o dele. Há uma personagem na história chamada Natalie Brande, por quem o narrador está apaixonado; é irmã de Herbert Brande e é dominada por este com o poder da Telepatia.

Herbert Brande conseguiu desenvolver um aparelho que liberta a energia nuclear contida na matéria, provocando poderosas explosões, e é dessa forma que tenciona aniquilar a Terra. Quer destruir o planeta devido à sua perspetiva maniqueísta de que a matéria é um mal que tem como efeito torturar todo o Universo. No final do livro, Arthur Marcel consegue iludir os membros da terrível Sociedade *Cui Bono* e salvar o planeta Terra,

fazendo com que apenas uma pequena ilha no sul do Oceano Pacífico seja destruída. Note-se que, no âmbito deste trabalho, traduziram-se apenas 11 capítulos dos 20 capítulos da obra.

O tema de *The Crack of Doom*, com cientistas loucos que congemina máquinas que trabalham com a energia nuclear para destruir o planeta Terra, tem sido recorrente em muitos livros de Ficção Científica e mesmo em alguns que não se enquadram nesse género literário. Exemplos de alguns livros que têm como assunto a energia nuclear e cenários apocalípticos resultantes da sua utilização são: *Alas, Babylon* (1959), de Pat Frank, e *Damnation Alley* (1977), de Roger Zelazny. Além destes, um livro coevo de *The Crack of Doom*, chamado *The Time Machine* (1895), de H. G. Wells, também tem como tema a calamidade subsequente às explosões atómicas. Contudo, Robert Cromie foi, efetivamente, um precursor porque lhe é creditado o facto de ter sido o primeiro autor a descrever uma explosão atómica antes de estas explosões terem sido artificialmente produzidas pelo ser humano no mundo. Não obstante, outros escritores já tinham desenvolvido o assunto da catástrofe nuclear.

O livro *The Crack of Doom* foi um desafio para traduzir por diversos motivos. Traduzir nomes das entidades componentes do mundo do século XIX, características desse século, bem como de entidades que Robert Cromie julgava que iriam existir no futuro, mas que, afinal, não chegaram a existir ou, na maioria das vezes, não são utilizadas nestes nossos tempos por serem obsoletas, uma vez que objetos mais avançados tecnologicamente se nos apresentam mais profícuos, foi, sem dúvida alguma, a maior dificuldade, tendo requerido uma análise cuidada da parte do autor deste trabalho de projeto.

As mudanças linguísticas, as estratégias sintático-semânticas a que o autor do trabalho de projeto em questão teve de recorrer foram algo que requereu um labor metuculoso e uma exigente investigação. Estratégias tradutórias de empréstimo, decalque e transposição; estratégias semânticas de sinonímia, antonímia e hiponímia, tudo isto foi tido em conta como recursos linguísticos para a elaboração de uma tradução que preserve não só a mensagem como também a qualidade do texto original.

3. Algumas considerações sobre Tradução

Neste capítulo, são apresentadas algumas considerações gerais sobre tradução, incluindo aspectos históricos com referências sobre o seu passado no âmbito mundial, os desafios de traduzir textos literários, bem como algumas reflexões sobre o futuro da Tradução e do tradutor.

3.1. A Tradução em geral

The Coherence rule.

“A translation should be acceptable in a sense that it is coherent with the receivers’ situation.”

[Reiss e Vermeer, 1984/2013:101]

A Tradução é fundamental, desde logo, pela diversidade linguística. Desde que duas línguas são duas e não uma só por divergências lexicais, sintáticas e semânticas, a tradução revela-se muito importante para a compreensão entre falantes de diferentes línguas que dominam apenas uma delas. As palavras e as frases são sempre passíveis de ser traduzidas, unificando a compreensão que fazemos do Universo total. Como Wittgenstein (1921: 68) disse: “As fronteiras da minha linguagem são as fronteiras do meu universo”.

Podemos pensar que o tradutor é um mero conhecedor de duas ou mais línguas. Mas traduzir é mais. Há um aforismo italiano que diz "Traduttore, Traditore" (em português, "Tradutor, traidor"), pois pensa-se que todo o tradutor tem de trair o texto original para conseguir adaptá-lo à língua de chegada. Este "Traduttore, Traditore" não se deve entender como o tradutor que trai o texto original para criar, muitas vezes sem sucesso, um equivalente em outra língua. Deve-se entender, sim, como o tradutor que interpreta o texto de partida e o transfere para a língua de chegada com base em conhecimento linguístico e cultural.

Devemos aludir ao facto de que existem bons e menos bons tradutores e de que um tradutor competente deve reunir as seguintes qualidades, muitas delas fruto da sua formação como tradutor:

- bom conhecimento da língua, escrita e falada, da qual está a traduzir (a língua-fonte ou língua de partida);
- excelente domínio da língua para a qual está a traduzir (a língua-alvo ou língua de chegada);
- familiaridade com o assunto do texto a ser traduzido;
- conhecimento da cultura das línguas envolvidas;
- competência de tradutor, isto é, o domínio das regras e das necessidades do trabalho tradutológico.

Nida (1964/2000: 153) mostrou que os significados e o modo como frases e sintagmas se organizam são diferentes consoante as línguas, não havendo línguas iguais e não havendo traduções com correspondências hipoteticamente exatas. Nida afirma que toda a tradução é uma interpretação, pois a tradução é uma leitura do texto original orientada pelas expressões do autor do texto original.

Supõe-se, geralmente, que qualquer indivíduo bilingue é capaz de produzir traduções satisfatórias, ou mesmo de alta qualidade, simplesmente por ser fluente numa segunda língua. No entanto, a capacidade, a habilidade e até mesmo os processos mentais básicos subjacentes ao bilinguismo são fundamentalmente diferentes daqueles que subjazem à tradução. Indivíduos bilingues são capazes de usar os seus próprios

pensamentos e ideias, expressá-los oralmente em duas línguas diferentes, nas quais são (quase) igualmente proficientes, tendo conhecimento implícito de cada uma delas. Já os tradutores devem ser capazes de ler, entender e manter as mesmas ideias nas duas línguas, não tendo de ser igualmente proficientes em cada uma delas, e, em seguida, produzir traduções fiéis, completas e sem exclusões, transmitindo o significado original de forma eficaz e sem distorções na língua-alvo.

Por outras palavras, os tradutores devem ser minuciosos quanto à preservação da mensagem ao passá-la do texto original para a tradução, o que é possível mediante o conhecimento explícito de mecanismos linguísticos específicos, entre outros. Entre os tradutores, é geralmente aceite que as melhores traduções são produzidas por pessoas que estão a traduzir para a sua língua materna, pois é raro alguém ter total fluência na língua que não aprendeu desde o berço. (Santos, 1995).

Vários estudiosos desenvolveram investigação na área da Tradução.

Schleiermacher (1813), por exemplo, estudou a Tradução quanto à forma estranhante ou domesticante adotada no procedimento tradutológico. Tradução estranhante é a que aproxima o leitor do texto original, do texto do autor, levando o leitor ao autor. Schleiermacher deu muita importância a este método estranhante como o melhor a seguir, para que se possa “proporcionar uma fruição ao máximo autêntica de obras estrangeiras” (Schleiermacher, 1813/2003: 139).¹ Tradução domesticante é, por sua vez, aquela que adapta o texto ao leitor, que leva o autor ao leitor. Schleiermacher afirma, assim, o seguinte: “Ou o tradutor deixa o mais possível o escritor em repouso e move o leitor em direção a ele” – método “estranhante”; “ou deixa o leitor o mais possível em repouso e move o escritor em direção a ele” – método “naturalizante” ou “domesticante” (Schleiermacher, 1813/2003: 61).

Ao traduzir o texto no âmbito do presente projeto, fui recorrendo aos dois métodos, umas vezes privilegiando a palavra do autor, Robert Cromie, e efetuando uma tradução mais literal ou estranhante, outras vezes dando espaço a uma tradução mais

¹ As citações de Schleiermacher (1813) são feitas a partir da tradução portuguesa.

familiar para o leitor, uma tradução mais livre ou domesticante, principalmente em termos de traduções de expressões idiomáticas. Exemplificando: na frase “Enquanto as luzes de Queenstown começavam a salpicar as trevas que se iam lentamente adensando, a Miss Brande pediu-me para lhe indicar o Castelo Rostellan.” (p. 7 da tradução), correspondente ao original “As the lights of Queenstown began to speck the slowly gathering gloom, Miss Brande asked me to point out Rostellan Castle.” (p. 6 do livro), usei o método estranhante, que aproxima os leitores do autor, ao preservar os nomes ingleses e, repare-se, a denominação inglesa “Miss”, em lugar da denominação portuguesa “Menina” (p. 7 da tradução do texto de Robert Cromie).

Já em “O irmão, apresentando renovadas desculpas, deixou-nos, e vi-o a atravessar a rua e a saudar alguém que seguia numa carruagem que passava.” (p. 10 da tradução), correspondente a “Her brother, with a word of renewed apology, left us, and presently I saw him cross the street and hail a passing hansom.” (p. 11 do livro), optei pelo método domesticante, que aproxima o texto original aos leitores, ao traduzir a palavra inglesa “hansom” por “carruagem” e não por “hansom”, nome original derivado de Joseph Alysius Hansom (1803–1882), que foi o arquiteto inglês que recebeu a patente dessa carruagem em 1834, ou por “cabriolet” ou qualquer outro sinónimo de carruagem que fosse estranho para o leitor português do século XXI.

Berman (1984) refere que, a par do que Schleiermacher dissera, a tradução:

“(…) instaure un rapport du Propre à l’Étranger, en ce qu’elle vise à nous ouvrir l’œuvre étrangère dans sa pure étrangeté.” (Berman, 1984: 4).

e

“(…) est une épreuve pour l’Étranger lui-même, car elle arrache l’œuvre à son sol-de-langue.” (Berman, 1984: 4).

Foi também na linha de Berman (1984) que tentei gerar uma tradução que fosse o reflexo da dualidade entre uma tradução que privilegia a mensagem da obra estrangeira e a tradução que privilegia a adaptação para a língua de chegada, mais

familiar aos leitores, que são falantes da língua de chegada. Não usei, portanto, sempre o método estranhante ou o domesticante, tendo antes procurado um equilíbrio entre ambos em função dos contextos.

Segundo Vinay e Darbelnet (1972), existem dois métodos de tradução: tradução direta e tradução oblíqua. A tradução direta é, de acordo com os autores, representada pelo empréstimo, o decalque e a tradução literal.

O empréstimo, segundo Vinay e Darbelnet (1972: 8), é “Mot qu’une langue emprunte à une autre sans le traduire.”² Segundo estes autores, a palavra francesa da área da gastronomia “chef” é um empréstimo para muitas línguas, entre as quais está, também, o português.

O decalque, por sua vez, é uma forma de empréstimo. Um termo de uma língua é traduzido de forma literal para outra língua e, depois, acaba neste caso por se vir a incorporar na mesma, conservando as suas propriedades estrangeiras ou adotando propriedades características da ortografia da língua de chegada. Vinay e Darbelnet (1972: 7) afirmam que o decalque é “Emprunt d’un syntagme étranger avec traduction littérale de ses éléments”. Dão o exemplo de “fin de semaine” e “weekend”.

A tradução literal, ou palavra por palavra, é aquela em que a língua de chegada adota as estruturas gramaticais e o léxico correspondentes da língua de partida. Este tipo de tradução só é possível (e, mesmo assim, com limitações) entre línguas que possuam afinidades semânticas, morfológicas e sintáticas de algum tipo. Um exemplo é traduzir “Life is beautiful.” por “A vida é bela.” (Vinay e Darbelnet, 2000: 84-93).

Quanto à tradução oblíqua, Vinay e Darbelnet (2000) consideram quatro métodos: a transposição, a modulação, a equivalência e a adaptação.

² Os conceitos de empréstimo, estrangeirismo e importação de palavras são amplamente discutidos na literatura (cf. Correia e San Payo de Lemos 2005; Freitas et al. 2005), mas, no presente trabalho, não os discutirei e seguirei a proposta de Vinay e Darbelnet (1972).

A transposição é o processo pelo qual se realizam modificações em termos de classe gramatical de uma língua para outra. Nas palavras de Barbosa ([1990] 2004: 28), esse procedimento ocorre quando “um significado que era expresso no TLO por um significante de determinada categoria gramatical [...], passa a ser expresso, no TLT, por um significante de outra categoria gramatical”. Ocorre ao alterar-se as classes dos vocábulos, como traduzir a passagem bíblica “... lighten mine eyes, lest I sleep the sleep of death;” (Bible, 21st Century King James Version, Psalm 13:3) por “... ilumina os meus olhos, não vá eu dormir o sono da morte”, tendo eu efetuado a transposição ao traduzir a conjunção “lest” para o advérbio “não” e o verbo “vá”.

A modulação é uma modificação do ponto de vista do texto traduzido em relação ao original. Há a conservação do significado geral, mas percebe-se uma alteração da estrutura semântica. Ocorre por razões estilísticas ou por adequação sintática à língua de chegada. Como exemplo, Vinay e Darbelnet fornecem-nos a oração “It is not difficult to show.”, que em francês seria traduzida por “Il est facile de démontrer.”, semelhante ao “É fácil demonstrar.” na língua portuguesa. (Vinay, Darbelnet, 2000: 133). Realizamo-la também, por exemplo, ao traduzir “The snail is very slow.” para “O caracol não é rápido.”

A equivalência ocorre quando não há semelhança ou aproximação possível entre o texto de partida e o texto de chegada. Aplica-se a expressões ou termos consagrados com forte identificação cultural da língua de partida e o tradutor necessita de encontrar algum termo ou expressão que, de alguma forma, seja equivalente em termos culturais na língua de chegada. (Vinay, Darbelnet, 1958: 38) Um exemplo é a frase inglesa “This work is a piece of cake.”, a qual, literalmente traduzida para português, não faria muito sentido (“Este trabalho é um pedaço de bolo.”), mas que pode ser traduzida pela frase portuguesa “Este trabalho é canja.”

A adaptação ocorre em situações em que não há equivalência possível entre as duas línguas e não é possível adotar nenhum dos procedimentos anteriores. Pode ser considerada uma equivalência, em certa medida, pela necessidade de o tradutor encontrar alguma solução que faça sentido na língua de chegada, sendo que qualquer literalidade em relação à língua de partida resultaria numa tradução sem sentido. É

uma ação cultural assimilativa na qual a tradução termina com o estabelecimento apenas parcial do sentido original (Vinay, Darbelnet, 2000: 84-93). Vinay e Darbelnet (1972: 6) dizem que a adaptação é “Utilisation d’une équivalence reconnue entre deux situations” e dão como exemplo seguinte “Dans un pays où le figuier est considéré comme une plante nuisible, on adaptera la parabole du figuier en utilisant une autre plante.”

3.2. Desafios da tradução de texto literário do gênero *Ficção Científica*

São vários os desafios de traduzir texto literário, mais especificamente este de Robert Cromie, pois é um texto com muitos termos científicos escrito no século XIX e que, para além disso, se enquadra no gênero de Ficção Científica. Este gênero de ficção é, tipicamente, especulativo, sendo os textos repletos de conceitos de Ciência muitas vezes imaginários, aos quais correspondem termos que designam objetos futuristas, não existentes, o que torna complexo o trabalho do tradutor, nomeadamente no que diz respeito à escolha de possíveis equivalentes. A Ficção Científica rodeia os meandros do impossível e os da verdade científica, e isso dificulta o trabalho tradutológico. Segundo Coutinho (2008: 16) “Na literatura, a ficção científica demonstra sua proximidade com todas essas questões que desvelam um mundo ora real ora ficcional, assim como os paradoxos do tempo e do espaço e a explosão das imagens por meio das novas tecnologias. Apresenta o virtual que se transforma em real e a realidade que se transmuta em irreabilidade, confundindo “fronteiras” antes tão perceptíveis. Embora ainda com uma posição “marginal”, a ficção científica reúne, e reúne em si, essas duas vertentes opostas: a ficção associada ao não verdadeiro, e a ciência centrada na verdade.”

A primeira etapa da tradução literária, ainda que o texto tenha características do gênero Ficção Científica, consiste na apreensão dos aspetos linguísticos, gramaticais, culturais e literários da obra, “da sua topografia própria e dos obstáculos que oferece”. Isto compreende, segundo Barrento (2002), quatro tipos de competências: linguística

(domínio da língua de partida e da língua de chegada), especializada (conhecimento das matérias do texto), cultural (reconhecimento de alusões culturais do texto de partida e posterior transposição correta para o texto de chegada) e translatória (domínio das regras e exigências do trabalho de tradução) (Barrento, 2002: 22).

A cultura do texto de Ficção Científica, quando não dominada pelos leitores, deve ser adquirida por meio de dicionários, bases de dados terminológicas, livros de Ficção Científica e artigos de cariz futurista a nível da sociedade e da tecnologia imprescindível para o seu desenvolvimento. Mas deve haver um trabalho informativo da parte do tradutor, para que este possa outorgar aos leitores o conhecimento contido no texto, com notas anexas, sem que eles tenham de o procurar noutros contextos. Este trabalho informativo foi o maior desafio que encontrei.

Outros desafios são as particularidades das equivalências entre expressões idiomáticas características de línguas distintas e a falta dessas equivalências quando se deseja traduzir palavras com uma falta de correspondência linguística notória, por terem pertencido a tempos idos, com os seus objetos peculiares, que sofreram um processo de obsolescência (muitos não existindo ou não tendo utilidade nos dias de hoje) e que não chegaram a ter definição nas sociedades pares onde não existiram, mas que são pertinentes para os leitores. Um qualquer objeto criado nas ilhas britânicas, invento esse que teve uma definição que o identificava pela sua utilidade ou origem, mas que nunca chegou a ver um equivalente linguístico em Portugal pode ser mencionado. Exemplo disso é a carruagem Hansom, que foi inventada por Joseph Aloysius Hansom, inglês nascido em York, e que foi produzida em generosa quantidade em Inglaterra para ser utilizada como veículo nas suas metrópoles. Esta carruagem não teve exportação comercial significativa para Portugal, não adquirindo o seu nome original uma relevante tradução para a língua portuguesa.

O texto literário em geral (como o texto de Ficção Científica em particular) requer uma tradução meticulosa. Como Nida (1964: 161) defende, o tradutor deve tentar atingir um balanço equilibrado entre conteúdo (“matter”) e estilo (“manner”). A tradução deve ser um resultado equipendente. O tradutor deve dar atenção a características textuais como o modo como as ideias se interligam e o tamanho e a

complexidade das frases, com o fim de avaliar as faculdades estilísticas do texto em apreço (Ladmiral, 1980: 98-100).

Mais uma vez se cotejam estes nossos tempos com os tempos antigos, pois São Jerónimo já pensava na identificação do melhor método de traduzir para encontrar o equilíbrio: a tradução literal (palavra a palavra) ou a tradução livre (tradução do sentido). Este tradutor dizia: «Se traduzo palavra a palavra torna-se absurdo; se, por necessidade, modifico por pouco que seja a construção ou o estilo, parecerá que me demito da tarefa de tradutor.» (São Jerónimo, 395-6/1995, p. 63)

Esta dicotomia na tradução do texto literário foi pesada por muitos outros estudiosos da Tradução (e continua a ser). Segundo Schleiermacher:

“O tradutor esforça-se por substituir pelo seu trabalho o entendimento da língua original que falta ao leitor. A mesma imagem, a mesma impressão que ele próprio, por seu conhecimento da língua original, obteve da obra, tal como ela é, trata ele agora de comunicar aos leitores, deslocando-os para uma posição, a dele, que lhes é propriamente estranha.” (Schleiermacher, 1813/2003, p. 63)

E mais:

“[a tradução] não está a deslocar o leitor apenas até à posição do tradutor, (...) antes acontece que a tradução está a colocá-lo imediatamente dentro do mundo dos leitores alemães, dele fazendo um seu igual.” (Schleiermacher, 1813/2003, p. 63)

Mas adverte ainda sobre os perigos de naturalizar o texto de partida em relação a um produto final, pelo condicionamento linguístico que o seu idioma materno lhe impõe: “Por outro lado, cada indivíduo está debaixo da dominação da língua que fala; ele e todo o seu pensar são um produto dela. O indivíduo não pode pensar com completa determinação aquilo que estiver fora das fronteiras da sua língua; a configuração dos seus conceitos, o modo e os limites das respectivas possibilidades de combinação são-lhes prescritos pela língua em que nasceu e na qual foi educado, o entendimento e a fantasia são por ela limitados.” (Schleiermacher, 1813/2003, pp. 43-5)

Schleiermacher faz primeiro referência aos leitores da Alemanha, mas, claro, depois isto é extensível a todos os leitores e abarca o trabalho tradutológico de todos os tradutores do mundo.

Venuti (1995) também refere que a identidade do autor do texto original deve ser preservada na tradução e a preservação dessa identidade é um desafio da tradução do texto literário:

“A translated text, whether prose or poetry, fiction or nonfiction, is judged acceptable by most publishers, reviewers, and readers when it reads fluently, when the absence of any linguistic or stylistic peculiarities makes it seem transparent, giving the appearance that it reflects the foreign writer’s personality or intention or the essential meaning of the foreign text—the appearance, in other words, that the translation is not in fact a translation, but the “original”” (Venuti, 1995, p. 1).

A estrangeirização do texto deve ser feita com medida e tendo em conta a sua medida: “Foreignizing translations that are not transparent, that eschew fluency for a more heterogeneous mix of discourses, are equally partial in their interpretation of the foreign text, but they tend to flaunt their partiality instead of concealing it” (Venuti, 1995, p. 34).

A escolha entre o método estrangeirizante e o método domesticante é uma escolha não só literária como também cultural e ética.

3.3. A tradução de texto das épocas passadas

Nesta secção abordam-se algumas dificuldades com que um tradutor se depara quando tem de traduzir um texto que não é seu contemporâneo.

As diferenças culturais entre o autor deste trabalho de projeto e o autor Robert Cromie são algo que criou óbices na tradução da obra. As civilizações latino-mediterrânica

(portuguesa) e germânica (norte-irlandesa) apresentam paralelismos, mas, por igual, expõem características quiçá antagónicas. Assim, entre os dois autores colocam-se divergências culturais importantes, a ter em conta durante o processo tradutológico.

Nasci numa época posterior à época em que nasceu e viveu Robert Cromie. No período de tempo que decorreu entre a época do autor e a atualidade, existiu um avanço civilizacional e tecnológico avassalador, como nunca em eras milenares anteriores houvera existido e muitas das entidades da realidade de Robert Cromie, e até as putativas, que ele concebeu na sua mente como podendo vir a ser futuras, uma vez que a narrativa do livro que ele escreveu se passa no ano 2000, hoje ou não existem ou sofrem em si um processo inequívoco e inexorável de se tornarem desatualizadas.

Diferenças linguísticas e culturais entre as duas línguas em questão são, sem sombra de dúvida, fatores que podem tornar-se obstáculos quando há uma tentativa de tradução. No mundo civilizacional inglês a que pertence a Irlanda do Norte e no mundo em que se passa a história do livro *The Crack of Doom*, e mesmo que a época da história fosse nossa contemporânea, existem muitas variações em relação ao mundo da Europa latina, ainda que essas variações se tenham vindo a esbater com o decorrer dos tempos pelo advento da globalização. Veículos como o já referido “hansom”, expressão que ocorre no texto traduzido, são peculiaridades do mundo britânico (porém, só já disseminadas, pelo menos em teoria, em países como Portugal, pela passada e presente permutação de ideias de meios de informação como a Internet) que podem levantar alguns obstáculos tradutológicos a tradutores menos familiarizados com o universo anglo-saxónico.

O facto de se traduzir o texto de um leitor não coevo de outra cultura é, decisivamente, pelas razões mencionadas, uma tarefa que se requer diligente, implicando um estudo constante.

Independentemente destes óbices para a construção de uma tradução de qualidade, devemos cogitar sobre o que é ou não melhor para a tradução e, conseqüentemente, para os leitores dessa tradução.

3.4. Reflexões sobre o futuro da Tradução/ do tradutor

Em se falando da Tradução, para onde nos estamos a dirigir, para que futuro irá a conversão tradutológica?

Já existem telemóveis, iPads e iPhones que têm aplicações informáticas instaladas nos seus sistemas que traduzem instantaneamente uma língua para outra, sob a forma escrita ou oral, pretendendo substituir tradutores e intérpretes humanos. Refiram-se, em particular, aplicações como o iTranslate e, especialmente, o iTranslate Voice. Mas o que diremos das aplicações informáticas dos robots que aí vêm?

Os robots do futuro, detentores de computadores avançados que lhes criarão as mentes cada vez mais sobre-humanas, que papel representarão na comunicação entre línguas? Como será a automação da transformação linguística? Sinais de vaticínio já são anunciados nos nossos tempos.

As máquinas de hoje demonstram-nos a capacidade que têm para converter uma língua noutra. Aplicações diversas dos computadores já proporcionam aos tradutores facilidades que eram inimagináveis há décadas atrás — conjuntos de aplicações como CAT (Computer-Aided Translation ou Computer-Assisted Translation, conhecidas em português como Tradução Assistida por Computador), memórias de tradução, tradução instantânea, glossários e mais. Os tradutores de hoje têm de se ajustar às necessidades do mercado, às solicitações da sociedade em face das suas habilitações como tradutores. O trabalho do tradutor humano não está ainda perdido perante o desempenho computadorizado, mas ele tem de adquirir competências computacionais, de forma a tornar-se desejável no competitivo meio da Tradução, quer em relação a tradutores humanos, quer em relação a tradutores automáticos que têm apresentado uma evolução exponencial.

Existem diversas aplicações informáticas que o tradutor humano deverá, cada vez mais, usar:

— Ferramentas CAT.

O acrónimo CAT quer dizer "Computer Aided Translation", que significa em português "Tradução apoiada por computador". As ferramentas computacionais que apoiam o tradutor (ferramentas CAT) são, por isso, importantes para agilizar o processo tradutológico por incorporarem a velocidade dos automatismos. As ferramentas CAT segmentam o texto e apresentam-no de uma forma mais conveniente ao tradutor, guardando a tradução de cada segmento conjuntamente com o texto-fonte. Não nos devemos esquecer de que a função primordial das ferramentas CAT é guardar as unidades de tradução numa base de dados, a chamada memória de tradução (Translation's Memory — TM), de forma a que essas unidades de tradução possam vir a ser utilizadas noutros textos ou no mesmo texto de onde são originárias. Uma última função das ferramentas CAT é consultar automaticamente bases de dados terminológicas, apresentar automaticamente as mesmas e inserir os resultados da procura.

“Uma ferramenta CAT contém muitas outras funções que também tornam a tradução mais fácil e aumentam a produtividade:”
(<http://www.metatexis.net/portuguese/cat.htm>, sítio acedido a 10/2/2020)

- ferramentas de busca de texto(s);
- índices/ferramentas de concordância;
- análise de qualidade através do controlo automático das listas de observação, ou através da aplicação de regras formais;
- ferramentas de estatística que fornecem informação acerca do processo de tradução;
- ferramentas de importação/exportação;
- ferramentas para uma formatação posterior (que permitem por exemplo uma formatação correta);

- ferramenta de alinhamento. Muitas traduções não foram traduzidas com a ajuda de uma ferramenta CAT, de forma que não estarão disponíveis em utilizações posteriores. Para possibilitar ao tradutor salvar esses textos numa TM (Memória de Tradução), muitas das ferramentas CAT oferecem uma ferramenta especial para a criação da mesma. Trata-se de uma "ferramenta de alinhamento".

- ferramentas especiais para extrair informações através da Internet.

— Memórias de tradução.

São arquivos bilíngues que as CAT tools (Computer Assisted Translation tools ou ferramentas de auxílio à tradução) usam para guardar as traduções feitas.

(<https://medium.com/omegat/mem%C3%B3rias-de-tradu%C3%A7%C3%A3o-no-omegat-3a577b6afb7d>, sítio acessido a 17/08/2020)

Por isso, “a memória de tradução é um banco de dados utilizado por tradutores profissionais, que utilizam CAT-Tools (Computer Assisted Translation Tools / ferramentas de tradução auxiliadas por computador) para organizar seus trabalhos de tradução para cada cliente/ área. A memória de tradução serve para armazenar cada sentença, que foi traduzida manualmente pelo tradutor ou linguista, a partir do texto de partida e sua correspondente tradução do texto de chegada (ou alvo). Com a formação dessa memória, as sentenças poderão ser utilizadas novamente para traduções do mesmo cliente em trabalhos sobre cada determinado assunto/contexto.”

(<https://zaumlang.com/memoria-de-traducao-e-glossario/>, sítio acessido a 17/08/2020)

— Corretores ortográficos.

“O corretor ortográfico deteta erros de ortografia e apresenta sugestões para a sua correção. O funcionamento do corretor ortográfico baseia-se na comparação das palavras utilizadas num documento com uma lista de palavras conhecidas pelo módulo de correção ortográfica. No processo de verificação ortográfica são utilizados os dicionários temáticos que estiverem seleccionados. Se uma determinada palavra não é reconhecida, esta é

assinalada como errada e são apresentadas sugestões para a sua correção.”
(<https://www.flip.pt/modulos/corrector-ortografico>, sítio acessado a 17/08/2020)

— Corretores gramaticais.

“Um corretor gramatical deteta erros nas relações entre as palavras.”
(<https://www.ccuec.unicamp.br/ccuec/noticias/2011/07/08/que-tal-usar-um-corretor-gramatical-eficaz-e-gratuito-para-lingua-portuguesa>, sítio acessado a 17/08/2020)

— Gestores terminológicos.

Um gestor terminológico ou uma base de dados terminológica é uma lista que coleciona certas informações linguísticas ou conceituais sobre termos específicos que não são encontrados nos dicionários comuns, pois a sua função vai ainda mais longe do que a do dicionário que apenas nos define palavras. Esse banco de informações encontra-se na *web*, o que torna muito mais fácil e rápido o seu acesso e, como se isso não bastasse, a maioria dos sites possui vários idiomas disponíveis para se aceder à terminologia pesquisada. Dependendo do seu domínio, esses bancos de dados geralmente são atualizados constantemente.
(<https://tools4translators.wordpress.com/2015/09/04/gestores-de-terminologia-otra-herramienta-util-para-tener-en-cuenta-a-la-hora-de-traducir/>, sítio acessado a 11/08/2020.)

— Dicionários eletrônicos.

“O dicionário eletrônico é constituído de bits, minúsculos pulsos de luz praticamente sem características físicas palpáveis, facilmente transmitidas de um computador a outro por linhas telefônicas, ondas de rádio ou qualquer suporte magnético. Por ser um arquivo digital, o dicionário eletrônico é extremamente maleável: pode ser facilmente compactado, ampliado e atualizado, sem grandes custos de produção. Além de textos e imagens pode incluir também animação, som e vídeo. Tem finalmente a característica da invisibilidade, só aparecendo ao usuário quando solicitado e mesmo assim

mostrando apenas o verbete ou o dado solicitado, ocultando todo o resto dentro do computador ou no suporte que o sustenta. É impossível perceber um dicionário eletrônico em toda sua extensão.” (Leffa, 2006)

— Bases de dados terminológicas.

Uma base de dados terminológica é uma base de dados constituída “por equivalentes tradutivos em variadas línguas de acordo com a sua área contextual.” (<https://sites.google.com/site/farmaciatranslation/base-de-dados-terminologica>, sítio acessado a 17/08/2020)

— Ferramentas de pesquisa de texto completo (conhecidas como *indexers*).

“Os pesquisadores colocam questões a esses *indexers* sobre textos já traduzidos ou documentos de referência.” (<https://docs.microsoft.com/pt-br/sql/relational-databases/search/full-text-search?view=sql-server-2017>, sítio acessado a 7/10/2019)

— Alinhadores de texto paralelo.

São programas que estabelecem correspondências entre elementos na língua de partida (por exemplo, uma frase ou um parágrafo) e na(s) língua(s) de chegada, correspondências essas que podem depois ser tomadas pelo tradutor como materiais de referência. (Carvalho, 2015: 9)

O alinhamento de texto paralelo consiste no seguinte: “Alignment involves matching up the source text and the translation segment by segment into translation pairs. “Segments” are usually understood to correspond to sentences or other more or less easily distinguishable text portions, such as titles. If the translation is straightforward, then so is the alignment.” (Somers 2003: 34)

— *Software* de gestão de projetos.

São programas que auxiliam as equipas que constituem os projetos a terminá-los com sucesso. “Project management software helps project managers (PMs) and teams collaborate and meet goals on time while managing resources and cost. Functions may include task distribution, time

tracking, budgeting, resource planning, team collaboration, and many more. People also refer to project management software as Task Management Software or Project Portfolio Management (PPM).” (<https://technologyadvice.com/project-management/>, sítio acessado a 24/08/2020)

Contudo, certamente que estes programas informáticos que estão no disco rígido dos atuais computadores estarão igualmente no disco rígido (ou cérebros robóticos) dos robots futurísticos, prontos para serem ativados e processados pelos processadores poderosos que serão os seus cérebros.

Provavelmente, no futuro, os andróides parecerão autênticos humanos e estarão no seio da humanidade a traduzir textos com milhares de páginas em escassos segundos, feitos impossíveis mesmo para os humanos geneticamente modificados que poderão surgir na espécie humana por manipulação genética e tecnológica. Todavia, os atuais tradutores deverão continuar a ser necessários, pela sua posse mental da ferramenta tão preciosa e tão poderosa que é a linguagem, bem como pela capacidade de imaginação, de criatividade, tão peculiar ao ser humano. Estes tradutores deverão, contudo, reinventar-se no seu papel como tradutores para poderem utilizar de forma eficaz e ágil as ferramentas de tradução que têm ao seu dispor.

4. Comentário à tradução

Neste capítulo, serão apresentados alguns comentários à tradução, procurando-se, por um lado, referir questões sobre as quais foi necessário refletir com mais cuidado, dadas as diferenças entre as duas línguas envolvidas, e, por outro lado, justificar algumas opções de tradução.

Assim, na secção 4.1, serão discutidos aspetos relacionados com as tendências deformantes da Tradução de Berman; na secção 4.2, e nas suas subsecções, serão discutidos aspetos relativos ao Léxico; na secção 4.3, serão discutidas questões culturais que tiveram impacto nas escolhas linguísticas no contexto da tradução realizada.

4.1 As tendências deformantes de Berman (1984)

Berman (1984) apresenta doze tendências deformantes da Tradução. Infere-se destas doze tendências tradutológicas uma décima terceira técnica, chamada Homogeneização, a qual não é desenvolvida por Berman, pelo que a excluí desta lista. As tendências são designadas por “deformantes” porque transformam o processo da Tradução, distinguindo-a da tradução literal, ou tradução letra a letra, a qual seria a única existente se não existissem estas tendências deformantes. O autor considera, assim, deformantes as seguintes tendências:

- racionalização;
- clarificação;
- expansão;
- escolha entre o enobrecimento e a vulgarização;

- empobrecimento qualitativo;
- empobrecimento quantitativo;
- destruição de ritmos;
- destruição de redes significantes que são subjacentes;
- destruição de sistematismos;
- destruição de sistemas vernáculos ou a sua exotização;
- destruição de locuções e idiomatismos;
- anulação da sobreposição de línguas.

A racionalização diz respeito ao léxico e à sintaxe, bem como à organização da pontuação. Contudo, a racionalização é, muitas vezes, destruidora da riqueza do texto original, da “selva espessa” que caracteriza textos como o de *Os Irmãos Karamazov*, de Fiódor Dostoiévski. No meu projeto, tentei que a tradução final não ficasse aquém do texto original quanto à existência dessa “selva”. Se se traduzir “There was a perfume of honeysuckle wafted to us on the summer wind, which stirred the beech-tree and rustled its young leaves lazily, so that the sunlight peeped through the green lattice-work and shone on the faces of these two handsome girls, stretched in graceful postures on the cool sward below—their white teeth sparkling in its brilliance, while their soft laughter made music for me.” (p. 31 do livro) para “Havia um perfume de madressilva que chegou até nós com o vento de verão, que agitava a faia e as suas folhas indolentemente, de modo que a luz do sol espreitava pelo retículo verde e brilhava nas faces daquelas duas formosas raparigas. Essas raparigas estavam estiradas com poses graciosas na fresca relva — os seus dentes brancos cintilando brilhantes, enquanto os seus risos suaves eram música para mim.” (p. 25 da tradução), temos aqui uma racionalização. Com a criação de duas orações estruturadas onde antes existia uma oração longa e difícil de processar, vemos aqui utilizada essa tendência deformante, esse recurso tradutológico.

A clarificação é uma tendência intrinsecamente ligada à racionalização, sendo uma consequência da mesma, uma vez que, com a perda da polissemia ou de interpretações ambíguas, atingimos um maior entendimento do texto (clarificação) após o termos organizado para que ele se tornasse mais compreensível (racionalização). Note-se a opinião do poeta norte-americano Galway Kinnel, que afirmou que “A tradução

deveria ser um pouco mais clara do que o texto original.” (Berman, 1984: 10, apud Gresset, 1983: 519).

Todavia, por vezes, a clarificação não é uma estratégia adequada, pois torna mais claro o que não se pretendia que fosse claro, como, por exemplo, a passagem de polissemias a monossemias, traduções parafrásticas ou explicativas (Berman, 1984: 11). Traduzindo “After all these years, he now had a tattoo of a broken clock without hands which I never saw on him. I was sure he had been inside recently.” para “Após todos estes anos, ele agora tinha uma tatuagem de um relógio partido sem ponteiros que eu nunca vira nele antes. Uma tatuagem de um relógio partido sem ponteiros é vulgarmente feita nos reclusos nas prisões por outros reclusos e significa que esse presidiário esteve a cumprir uma longa pena de prisão; como tal, inferi que ele tinha estado recentemente preso.”, temos uma clarificação. Este exemplo (criado por mim) é uma clarificação porque explica em português o que está somente implícito no texto original em inglês.

A expansão, por sua vez, é uma estratégia que muitos consideram inevitável na tradução — muitos autores afirmam que toda a tradução tende a ser mais extensa do que o texto original (Berman, 1984: 11). George Steiner (1978), por exemplo, disse que a tradução é “inflacionista”. Não obstante, Berman (1984) defende que a expansão pode ser qualificada como algo que não é relevante e, portanto, não é uma estratégia considerada importante para o texto original: “Je veux dire par là que l’ajout n’ajoute rien, qu’il ne fait qu’accroître la masse brute du texte, sans du tout augmenter sa parlance ou signifiante.” (Berman, 1984: 11). Ao ampliar-se o texto final em relação ao texto original, com um maior número de palavras, estamos a usar a expansão, como aconteceu com a tradução de *grandmotherly* no seguinte excerto da tradução; “The conventional New Woman is a grandmotherly old fossil,…” (p. 27 do livro) para “— A Nova Mulher convencional é um velho fóssil com modos de avó…” (p. 22 da tradução). Neste caso, como em muitos outros, a expansão acaba por ser mesmo necessária, pois há palavras de uma língua de partida que não têm como equivalentes outras palavras correspondentes numa língua de chegada, tendo, por exemplo, de ser traduzidas por perífrases.

Quanto à escolha entre o enobrecimento e a vulgarização, Berman (1984) considera que se trata de decidir entre o positivo e o negativo. O enobrecimento serve para produzir textos livres do peso e da complexidade do texto original, isto quando tal peso e tal complexidade não são desejáveis para um veicular mais propício da informação que o texto deve transmitir. É, por igual, uma “poetização” na Poesia e uma “retorização” na Prosa (Berman, 1984: 12). A poetização consiste em outorgar características peculiares do texto lírico a um dado texto que já existe ou produzir um texto com essas características; porém, também significa conceder um valor erudito e elevado, em termos de vocabulário e de ideias, a uma obra literária. Um exemplo de poetização de uma versão original em inglês para português é o seguinte: “The sea into which he fell was called the Aegean ever after.” para “O mar que o abraçou pela última vez ficou para sempre conhecido como Mar Egeu.” (<http://traduzirliteratura.blogspot.com/2016/03/tendencias-deformantes-em-traducao.html>, sítio acessado a 10/01/2020) Retorização, por sua vez, compreende-se como um procedimento linguístico através do qual se transforma o texto traduzido com a atribuição de outros sentidos às palavras, sentidos esses que, primordialmente, elas não possuíam. Essa é uma transformação retórica. Com figuras de estilo como metonímias e as suas derivadas antonomásias, criam-se denominações variadas para designar as mesmas entidades, retorizando o texto. Quando falamos do Planeta Terra e também o designamos por Nossa Casa ou por Planeta Azul, estamos a efetuar retorizações. A vulgarização é a inversão lógica, ou o complemento, do enobrecimento do texto; é visível, por exemplo, quando se recorre diretamente a um calão ou a uma gíria para criar uma versão mais corriqueira do texto original (Berman, 1984: 13). Estamos a criá-la se traduzirmos “a homosexual man” por “um paneleiro”.

O empobrecimento qualitativo é definido por Berman (1984) como uma substituição de vocábulos e expressões do texto original por outros que se apresentarão no texto traduzido, mas que não possuem as mesmas riquezas — riqueza sonora e riqueza significativa ou “icónica” (Berman: 1984: 13-14). Tal empobrecimento de qualidade textual é algo comum na tradução e deve ser aceite, em lugar de ser combatido, embora seja algo que muitos estudiosos da Tradução, como Antoine Berman, têm por indesejável, uma vez que retira o que é significativo no texto original, ou seja, aquilo que o texto aborda. É habitual ter-se a ideia de que, na Tradução, há perda quando se

passa do texto original para o texto traduzido. As perdas semânticas são, habitualmente, consideradas inevitáveis. Por exemplo, há perdas em componentes lexicais como as expressões idiomáticas e provérbios que não possam ou que não devam ser traduzidos de forma literal. Mas, segundo Schleiermacher (1813/2003: 81), a tradução é um conjunto de perdas e ganhos em relação ao original. O tradutor deve ter sempre presente aquilo que pode perder no texto-fonte e o que pode ganhar no texto-alvo. Se se traduzir “I consumed fuel for thought.” para “Eu li livros.”, em vez de “Eu consumi combustível para a mente.” ou “Eu ingeri alimento para a mente.”, ou ainda “Eu alimentei a mente.”, temos um empobrecimento qualitativo (exemplos meus).

O empobrecimento quantitativo, por sua vez, é a perda de significantes para um dado significado. Da expansão e do empobrecimento qualitativo resulta a estruturação da tradução, o ganho e a perda dos componentes lexicais do original, o empobrecimento quantitativo do mesmo. (Berman, 1984: 14-15). Nota-se tal empobrecimento na tradução de “I am the best of all in the Universe!” para “Eu sou o melhor!” Há casos em que isto pode ser um processo importante (tradução de texto infantil, tradução para legendagem, etc.) Na tradução para o texto infantil, é, muitas vezes, necessário abordar assuntos complexos com frases simples de fácil compreensão, para melhor transmitirmos a desejada mensagem às crianças. Na legendagem de películas cinematográficas e de animação, pela exiguidade do espaço de visualização televisivo, requer-se uma economia de caracteres: por conseguinte, evidencia-se a exigência de um número inferior de palavras, *ergo*, o empobrecimento quantitativo (que pode ser concomitante com o susodito empobrecimento qualitativo).

A destruição de ritmos é um aspeto da tradução associado à possibilidade de não preservar o ritmo textual do texto primordial. É característico de mudanças de pontuação entre as línguas envolvidas. Ocorre ao traduzir-se a partir da tradução arcaica inglesa de *Metamorfoses*, do poeta latino Ovídio, “He confounds his worke with sodaine stops and stays / And with the great uncertaintie of sundrie winding wayes / Leads in and out” para português do Brasil: “Enche a sua obra de paragens e despistes repentinos / e com a grande incerteza de vários caminhos às voltas, /

conduz para dentro e para fora...” (Ovídio, livro 8, 152, traduzido por Vera Lúcia Leitão Magyar).

A destruição de redes significantes que são subjacentes é uma destruição do subtexto. Os subtextos são elementos importantes que compõem cada texto e, como tal, devem ser tidos em conta. O desconhecimento das redes significantes é comparável com o desconhecimento dos principais grupos significantes numa obra, como aqueles ao redor dos quais a obra organiza a mensagem que nos transmite. (Berman, 1984: 17). Verifica-se ao traduzir-se a frase inglesa “The malevolent leader of the criminal country used a nuclear bomb.” para a frase portuguesa “O líder maléfico do país criminoso usou uma arma de destruição maciça.” (exemplo meu), caso em que se perde o significado mais específico da expressão “nuclear bomb”, do inglês, ao usar-se como equivalente “uma arma de destruição maciça”, pois as armas de destruição maciça podem ser nucleares, químicas e biológicas, não apenas nucleares e não apenas a bomba atômica. Alargando-se o campo semântico no texto traduzido, perde-se o campo semântico original. Neste caso, foi o uso do hiperónimo em vez do hipónimo que contribuiu para a destruição da rede significativa.

A destruição de sistematismos é peculiar ao texto traduzido. A sistematização do texto (o arranjo dos seus elementos semântico-linguísticos de uma forma coesa e coerente para os leitores mais facilmente apreenderem o significado que nele está contido e que visa transmitir) é algo que se estende a todo o tipo de frases (Berman, 1984: 17). Algumas das tendências deformantes supramencionadas, como a racionalização, a clarificação, a expansão, entre outras, destroem o sistema do texto e inserem nele elementos que o dito sistema na sua essência exclui (Berman, 1984: 17). Quando o texto traduzido, ou o texto final, é mais homogêneo do que o texto original, também é, segundo Berman, mais incoerente e, em certa medida, mais heterogêneo e mais inconsistente. Assim, uma tradução tende a parecer homogênea e incoerente ao mesmo tempo (Berman, 1984: 18), por exemplo, em casos de repetição textual sem que existam no texto em questão figuras de estilo como a aliteração ou a anáfora. A tradução pode parecer assistemática e isso é perceptível ao leitor, que capta a inconsistência e que esperava uma sistematicidade textual na tradução. Isto é evidente na tradução de uma frase como “Richard told Rachel that she needed to give him the

key for her to open the gate.”, ao ser traduzida para “O Ricardo disse à Raquel que teria de lhe dar a chave para lhe abrir o portão.” (exemplos meus). Neste caso, verifica-se uma perda de sistematicidade, ficando a frase, na língua de chegada, mais incompreensível e mais incoerente do que a frase original correspondente, pois, para além de se colocar um problema na atribuição do antecedente ao pronome pessoal átono “lhe”, na forma dativa (não se sabe se esse pronome designa o Ricardo ou a Raquel), cria-se ainda ambiguidade na frase através do sujeito nulo da frase completiva, que pode tomar como antecedente ou *o Ricardo* ou *a Raquel*, o que coloca problemas de coesão referencial. Podem, assim, colocar-se diversas perguntas: Quem tem de dar a chave? O Ricardo ou a Raquel? E a quem? E abrir-se-á o portão a quem? Ao Ricardo ou à Raquel? Há, portanto, uma destruição de sistematismos, que, neste caso em particular, se verifica com a introdução de uma ambiguidade estrutural no texto de chegada que não existia no texto de partida (uma vez que, em inglês, as formas pronominais “her/him” são distintas quanto a género, o que não acontece com o pronome “lhe” do português, e que o inglês não admite sujeitos nulos em frases finitas, pelo que a ocorrência do pronome “she” na frase completiva evita a ambiguidade que se verifica na tradução para português).

A destruição de sistemas vernáculos ou a sua exotização fazem também parte das tendências deformantes de Berman (1984). O vocábulo “vernáculo”, como adjetivo, significa “próprio do país ou da região a que pertence”, “nacional”, “pátrio” ou, se o adjetivarmos, “que conserva a pureza original”, “sem estrangeirismos”, “genuína”, “pura” (língua vernácula). Como substantivo masculino, “vernáculo” identifica-se como “língua própria de um país ou de uma região” ou “idioma nacional” (vernáculo in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2020. [consult. 2020-02-08 23:41:08]. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/vernaculo>). Assim, em primeiro lugar, Berman afirma que a orientação polilógica da prosa inclui uma pluralidade de sistemas vernáculos (Berman, 1984: 19) pelos muitos diálogos que são estabelecidos entre as personagens de um texto, ou até pelo diálogo informativo entre o narrador e o leitor. Em segundo lugar, quando a prosa é coloquial inclui necessariamente estes elementos (destruição de sistemas vernáculos ou a sua exotização), porque a língua vernácula é mais corpórea (é mais apelativa aos sentidos,

toca mais na sensibilidade dos interlocutores) e mais icônica do que a chamada língua “cultura”. Por exemplo, nas Antilhas francesas o verbo “désrespecter” é mais informal e mais utilizado do que a locução do francês europeu “manquer de respect”, ambos significando “faltar ao respeito” (Berman, 1984: 19). Isto é importante para a Tradução, porque indica que a língua vernácula tem de ser tida em conta, por ganhar preponderância nos diálogos coloquiais dos textos a traduzir, quando estes existam. O entendimento desta evidência leva-nos a concluir que a destruição ou a criação de sistemas vernáculos se torna um fator constante na tradução de textos que sejam díspares nos ambientes socioculturais envolvidos, ou seja, ambientes distintos no sentido em que o ambiente sociocultural retratado no texto de partida é diferente do ambiente sociocultural peculiar ao tradutor que produz o texto de chegada. Para além disso, o autor do texto de partida poderá ainda ser parte de um ambiente sociocultural diferente do ambiente sociocultural da história do texto que produziu na altura em que o produziu, mesmo que no futuro pudesse vir a ser parte de um tal ambiente, do qual não fazia parte. Em terceiro lugar, a prosa frequentemente volta a captar a oralidade vernácula, algo que foi evidente no século XX com a maior parte das literaturas latino-americana, norte-americana, italiana e russa (Berman, 1984: 19).

A anulação do vernáculo pode ter consequências sobre a textualidade da prosa. A eliminação dos diminutivos em diversos idiomas, a substituição de verbos por construções sintáticas nominais ou a substituição de verbos de ação por construções constituídas por verbos e nomes (por exemplo, o verbo característico do espanhol do Peru “alagunarse”, que se converteu diretamente em “transformar-se em laguna”, que é um verbo seguido de um sintagma preposicional) são ataques à textualidade (Berman, 1984: 19). Contudo, há casos em que é mesmo necessário anular o vernáculo por falta de equivalentes vocábulos na língua de chegada. O exemplo peruano de “alagunarse” é característico, pois não há equivalente para se traduzir eficazmente este verbo para português sem que se crie um neologismo.

O método tradicional de preservar o vernáculo é a exotização, a qual pode tomar duas formas: através de um procedimento tipográfico (colocar em itálico), pode-se isolar o que não está isolado no original; mais insidiosamente, também se pode adicionar informação para tornar o texto mais “autêntico”, dando ênfase ao vernáculo a partir

de uma imagem estereotipada deste. Tal método de exotização observa-se nas traduções de Mardrus das *Mil e Uma Noites* ou do bíblico *O Cântico dos Cânticos*. (Berman, 1984: 19). Nas *Mil e Uma Noites*, há por todo o texto das histórias uma estereotipação excessiva do mundo islâmico, uma sobre-arabização, quiçá, com o desígnio de mexer com aquele desejo profundo que muitos cidadãos do mundo ocidental — Mardrus traduziu as *Mil e Uma Noites* para o francês — têm de imaginar a cultura do outro para adquirir novos conhecimentos na sua; neste caso, é o fascínio que muitos leitores podem ter pelo mundo muçulmano, com a intenção de experienciar a sensação do que é invulgar no seu mundo e, como tal, fruírem de novas experiências. Devo dizer, no entanto, que Mardrus foi influenciado pelo Orientalismo característico do seu tempo, já para não falar do facto de uma das suas missões de vida ser a busca e o resgate desse seu Oriente de origem, uma vez que ele nasceu no Cairo, no Egito. E a exotização é o que Mardrus criou na sua tradução: é acrescentar às histórias pensamentos, ações e ambientes que os leitores ocidentais julgam ser típicos das sociedades do oriente, mesmo que não o sejam; o colorir as histórias das *Mil e Uma Noites* com as tintas do orientalismo para as tornar mais interessantes para os leitores.

No caso de *O Cântico dos Cânticos*, os tradutores da Bíblia desde o tempo de São Jerónimo têm vindo a transmitir um ambiente que eles entendem ser mais hebraico do que o que, porventura, fora transmitido pelo rei Salomão (presumível autor deste livro sapiencial) no texto bíblico original.

Não obstante, a exotização funciona melhor se envolver as línguas que Berman denomina como “cultas” (na verdade, não existem línguas cultas, mas as línguas que ele entende como tal são as línguas do Ocidente, as da Europa, principalmente as das potências colonizadoras, como o francês, o inglês e o espanhol), pois, nas suas palavras, traduzir, por exemplo, o *lunfardo* de Buenos Aires pelo jargão parisiense ou utilizar o dialeto da Normandia para traduzir a língua dos Andes ou a dos Abruzos somente ridicularizaria o texto original (Berman, 1984: 20). E Berman também alerta: “Uma exotização que converte a forma estrangeira do país estrangeiro na forma estrangeira do país em que estamos somente ridiculariza o texto original.” e “Um vernáculo agarra-se firmemente à sua alma e resiste completamente a qualquer

tradução direta para outro vernáculo.” (Berman, 1984: 294). Resumindo: a exotização pode ser benéfica por ornamentar de uma forma interessante uma narrativa com os vistosos paramentos da língua que evoca um determinado ambiente; pode ser negativa se for usada descomedidamente e de forma a traduzir o que é estrangeiro pela suposta imagem que o leitor do texto traduzido tem desse algo estrangeiro e não pelas suas características inerentes e reais.

A destruição de locuções e idiomatismos pode ser uma tendência deformadora da Tradução que se apresenta como conveniente se tencionarmos realizar uma tradução que julguemos mais fiel. Isto porque há expressões idiomáticas que podem ter uma tradução da língua de partida para a língua de chegada que não se deverá basear na literalidade, na equivalência linear, pois, como o próprio Berman enunciou, “Traduzir não é buscar equivalências.” (Berman, 1984: 21). E “substituir um idiomatismo pelo seu equivalente é um etnocentrismo.” (Berman, 1984: 21). Existe em cada leitor uma consciência-de-provêrbio que imediatamente detetará, no novo provérbio, a correspondência com um provérbio conhecido, aumentando e enriquecendo assim o mundo proverbial do leitor (Berman, 1984: 21). Identifica-se isso na tradução do provérbio inglês “There's no time like the present.” (<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/there-s-no-time-like-the-present>, acessado a 9/2/2020) para o provérbio português “Não deixes para amanhã o que podes fazer hoje.” (<http://proverbios-populares.blogspot.com/2011/02/nao-deixes-para-amanha.html>, acessado a 9/2/2020).

A anulação da sobreposição de línguas é também um tópico que merece atenção. Antoine Berman apresenta diversos casos que considera terem de ser estudados, particularmente em italiano, alemão, espanhol, português e inglês.

O caso italiano é o de Carlo Emilio Gadda, um inovador da sua língua que, nos seus livros, combinava a língua italiana antes das Grandes Guerras com elementos de dialetos, jargões técnicos e académicos, jogos de palavras e linguagem obscena. (Giuseppe Papponetti, *Gadda – D'Annunzio e il lavoro italiano*, Roma, Fondazione Ignazio Silone, 2002).

Para o alemão, cita o caso de Günter Grass, escritor que foi soldado da Waffen-SS (um braço militar das SS) no tempo da Segunda Guerra Mundial. Um dos seus livros, *Die Blechtrommel*, romance de crítica social publicado em 1959, conhecido em Portugal e no Brasil como *O Tambor*, apresenta um jogo de palavras e uma forma inovadora de escrever que foi digna de reconhecimento e que, com outros livros, lhe valeu o prémio Nobel da Literatura em 1999, embora esta atribuição tenha sido, posteriormente, bastante criticada, por o autor ter sido nazi e ter feito comentários depreciativos a Israel. (<https://www.theguardian.com/books/2009/nov/08/tin-drum-gunter-grass-review>, sítio acedido a 27/8/2019).

Em castelhano, observaram-se os casos de *Tirano Banderas*, por Ramón María del Valle-Inclán, que utiliza o espanhol de Espanha com o de diversos países latino-americanos, bem como o de José María Arguedas e o de Augusto José Antonio Roa Bastos, escritores que usam, respetivamente, o espanhol com o quéchua e o espanhol com o guarani, respeitando as diferenças sintáticas, inclusivamente (Berman, 1984: 22).

Em português brasileiro, observou-se o caso de Guimarães Rosa, que combinou a língua portuguesa clássica com os dialetos do centro do Brasil. (Berman, 1984: 22).

E, finalmente, em inglês, estudou-se o caso limite de *Finnegans Wake*, de James Joyce, com as suas dezasseis línguas aglutinadas (Berman, 1984: 22).

É difícil para os tradutores a preservação das tensões linguísticas, específicas de certos livros, especialmente das novelas dos escritores mencionados. Toda a obra novelística tem sobreposições linguísticas, mesmo que se trate de socioletos, idioletos, etc. A *Montanha Mágica*, de Thomas Mann, apresenta um exemplo fascinante de como o tradutor, Maurice Betz, preservou, na tradução para francês, os diálogos entre os heróis do livro original, Hans Castorp e Madame Chauchat. O que é interessante é que o francês do jovem alemão Hans é diferente do francês da jovem russa Clawdia Chauchat. E, na tradução, estas duas variedades são acompanhadas do francês do tradutor, Maurice Betz, sendo possível distinguir os três registos linguísticos, possuindo cada um as suas particularidades. A isto se chama heteroglossia

(diversidade de dialetos ou registos linguísticos em um dado texto) eficaz (Berman, 1984: 23).

Um exemplo da anulação da sobreposição linguística pode ser observado ao traduzir a seguinte frase “The caveman said: ‘Me hungry!’” para “O homem das cavernas disse: ‘Eu tenho fome!’”.

No meu trabalho de projeto, estive ciente das especificidades das línguas, embora Robert Cromie não tenha introduzido variedades linguísticas não padrão na narrativa que produziu e, portanto, não houve obstáculos decorrentes da variação linguística, pelo que se pôde traduzir sem o desconfortável temor de não se ser bem-sucedido na conservação de variedades linguísticas.

As tendências deformantes que foram analisadas enquadram-se nos estudos sobre a Tradução fundada no Ocidente, baseadas no pensamento grego ocidental, mais precisamente no Platonismo (Berman, 1984: 24). Os pensamentos dos intelectuais da escola de Platão afirmaram que a tradução de um texto deve resultar em um texto melhor do que o texto original em termos de clareza e elegância (mesmo se o original não possuir estes predicados). As traduções podem desconstruir os vocábulos do texto; porém, nunca devem desconstruir os sentidos que o texto primordial pretendia transmitir, mesmo que se pense que se vai melhorar o texto final (Berman, 1984: 25). Todavia, há quem afirme que um labor de acrescento e melhoria deve ser realizado pelo tradutor. Por sua vez, Oittinen (2000) afirmou que “A tradução é produção e não reprodução.” Partilho da opinião de Oittinen apenas parcialmente, pois tentei que a minha tradução do livro *The Crack of Doom* fosse uma reprodução o mais fiel possível.

Foi procurada uma clarificação, no sentido de Berman (1984) do texto original apenas na medida do conveniente. Na realidade, não se geraram clarificações no sentido estrito e definitivo da palavra, mas sim explicações que foram organizadas em notas de rodapé e que possuem um caráter elucidativo do texto original. Exemplos disso são as explicações apresentadas em nota de rodapé a propósito de “Bedlam” (p. 8 do livro), que foi mantido como “Bedlam” (p. 8 da tradução) e de “Scotland Yard” (p.

48 do livro), que foi conservada como “Scotland Yard” (p. 37 da tradução), para, respetivamente, designar o mais importante hospital psiquiátrico londrino e a Polícia Metropolitana de Londres. Deve ter-se em consideração que algumas clarificações podem ser indesejáveis se se traduz e clarifica algo que o autor do texto original intencionalmente não teria intenção de clarificar, de tornar mais inteligível para os leitores, por ser algo premeditado para a natureza do texto, para o seu enredo. Procurei não incorrer em erros desse género, com clarificações inoportunas. Ainda assim, toda a tradução é fruto da interpretação do texto original por parte do tradutor, pensando também no leitor, nas suas potencialidades a nível lexical, nos seus hábitos linguísticos e histórico-culturais. Com este conhecimento, posso dizer, como Schleiermacher (1813/2003: 53) afirmou, que “[o tradutor] não pode oferecer-lhes [aos leitores] mais do que a língua que já é a deles, a qual nunca coincide em rigor com a outra, nem pode fazer mais do que entregar-se-lhes, ou seja, o modo como ele mesmo entendeu o seu escritor, umas vezes com maior, outras com menor clareza...”

Adicionalmente, procurei que o texto traduzido fosse profícuo ao leitor na expansão da tradução do texto de Robert Cromie. Atente-se no seguinte:

(1)

a) The theory of evolution — her gospel — reeks with ruffianism, nature patented and promoted. (p. 85 do livro)

b) A teoria da evolução, que é o seu evangelho, tresanda a comportamentos impróprios e imorais, promovidos e patenteados pela Natureza. (p. 62 da tradução)

Neste caso, utilizei uma perífrase como modo de tradução. Ao ver que “ruffianism” é o comportamento próprio de um rufia, resolvi traduzir este trecho literário para “...comportamentos impróprios e imorais...” (p. 62 da tradução). Há aqui uma notória expansão do texto inglês na tradução portuguesa, algo que é característico do cariz inflacionista que a Tradução pode assumir. Trata-se, no entanto, de uma exceção no meu trabalho de projeto uma vez que, na maioria das vezes, se verificou uma redução vocabular contrária à expansão, para economia das palavras por parte do

autor, com o fim de ser mais elucidativo na transmissão dos significados do texto, evitando a indesejada prolixidade.

Planeou-se estruturar um texto que conservasse o pormenor linguístico do texto original sem cair na redundante, e até indesejável, tradução literal. Enobrecimentos e vulgarizações foram, portanto, evitados, sempre que o texto original assim não o exigisse. Pode observar-se isso em:

(2)

a) " Miss Metford's information was telepathically conveyed to my sister." (p. 48 do livro)

b) — A informação de Miss Metford foi telepaticamente comunicada à minha irmã. (p. 37 da tradução).

Em (2b), evidencia-se uma tradução fiel ao texto original, sem introdução de recursos estilísticos de qualquer aspeto e importância. Tentou-se não retirar riqueza do texto original, ao procurar que se mantivesse o que foi dito pela escolha dos vocábulos que melhor traduzissem o texto-fonte e que, do mesmo modo, não fosse acrescentada riqueza desnecessária que douraria inutilmente o padrão textual primordial.

Como seria de esperar, confrontei-me com a questão dos ganhos e das perdas da tradução, ciente de que o trabalho que foi elaborado teve o empobrecimento quantitativo como propriedade. Contudo, debati-me contra ele a fim de que não ficasse a tradução do trabalho de projeto inferior ao texto original de Robert Cromie. O exemplo ilustrativo disto está na quantidade de páginas que o livro *The Crack of Doom* tem até à parte traduzida, que é o final do capítulo XI (110 páginas) e a quantidade de páginas que a tradução *O Dia do Juízo Final* tem até ao respetivo final traduzido (79 páginas). Excetuando-se algumas páginas introdutórias em branco que o livro original tem, pode-se perceber que o empobrecimento quantitativo é evidente no resultado tradutório final e que, quer por motivos linguísticos, quer por motivos estilísticos ou, até, de escolhas pessoais minhas (sem que nunca ficasse em causa a integridade tradutológica da obra final), acabou por se obter um texto em português

com um menor número de palavras do que o texto original: o número de palavras do texto original até à parte traduzida é de 22 056 e o número de palavras do texto traduzido é de 20 942. Há menos 1114 palavras no texto traduzido. O exemplo seguinte é ilustrativo da redução no texto final traduzido:

(3)

a) She had independent means, and lived apart from her family in order to be rid of domestic limitations. (p. 55 do livro)

b) Ela era independente e vivia longe da sua família de modo a livrar-se das limitações domésticas. (p. 42 da tradução)

Em lugar de “meios independentes”, ou de “meios de subsistência”, optei pelo adjetivo “independente”, que combinei com o verbo copulativo “ser”, o que me permitiu reduzir o texto original. Casos como este foram constituindo o texto traduzido e resultaram na redução patente do texto final quando comparado com o texto original.

Houve sensibilidade à destruição de sistematismos, mas, se se atender ao facto de que tal destruição é inerente a todo o processo tradutológico, espera-se que este processo seja consistente na sua característica assistematicidade, por se ter tentado ao máximo preservar a heterogeneidade do texto original. Isto advém da importância de se manter as diferentes estruturas do sistema do texto original como constitutivas do sistema do texto final, para a manutenção do sentido do texto, daquilo que o autor Robert Cromie procurou transmitir no e com o seu livro. Quando foi traduzido o título do livro *The Crack of Doom* para *O Dia do Juízo Final*, não se alterou a diferença semântica e morfossintática que há entre esses dois títulos para se conservar a integridade do resumo que o título da obra tem em si, da sinopse identificativa que nele está contida.

Ciente da destruição de sistemas vernáculos como consequência da tradução e, também, do fenómeno da exotização, procurou-se manter a vernacularidade do texto final, tentando reduzir ao mínimo as destruições finais de sistemas vernáculos e introduzir a exotização tão-só nos momentos cruciais em que a conservação da

mensagem textual original era desejável. Um exemplo desta preservação é a manutenção de “Miss” em “Miss Metford” (p. 24 do livro), mantendo-se a forma de tratamento do inglês, uma vez que a tradução para “Menina” em português me pareceu resultar menos natural, embora em algumas regiões de Portugal se tenha utilizado, e ainda presentemente se utilize, a forma “Menina” como modo de tratamento para o contacto com algumas pessoas de uma faixa etária mais jovem por parte de pessoas mais idosas. Porém, tendo em conta a tendência linguística do século XXI, considere-se melhor não utilizar essa forma de tratamento e manter a original inglesa.

Tentou-se traduzir as expressões que designavam entidades pouco conhecidas fora do ambiente anglo-saxónico do texto original por equivalentes pertinentes para o texto traduzido, tendo em conta a consciência-de-provémio que deverá ser tida em consideração para realizar uma tradução que não seja considerada menos própria. Tentei tal não apenas com eventuais provérbios e expressões idiomáticas anglo-saxónicas, mas, igualmente, com os que fossem característicos de outras línguas e culturas que pudessem ser menos familiares aos leitores da tradução do livro. Quando não se o fez, utilizaram-se notas de rodapé para explicar expressões que poderão, eventualmente, ser desconhecidas dos leitores. Atente-se no seguinte exemplo: quando Natalie Brande utiliza a expressão “Cui bono?” (p. 14 do livro) numa pergunta a Arthur Marcel, eu mantive essa expressão (p. 13 da tradução), colocando uma nota de rodapé no final da página 13 para elucidar os leitores sobre o significado da expressão idiomática em latim *Cui bono?*, a qual significa: “A quem beneficia?”

4.2. Léxico

O Léxico é a totalidade de vocábulos e expressões de uma determinada língua, a que se encontram associadas as respetivas propriedades. O *Dicionário Terminológico*, disponível no *site* da Direção-Geral da Educação, indica que o Léxico é: «Conjunto de todas as palavras ou constituintes morfológicos portadores de significado possíveis

numa língua, independentemente da sua atualização em registos específicos. O léxico de uma língua inclui não apenas o conjunto de palavras efetivamente atestadas num determinado contexto (cf. vocabulário), mas também as que já não são usadas, as neológicas e todas as que os processos de construção de palavras da língua permitem criar.»

Segundo Raposo (1992: 89): “O léxico é a componente do modelo gramatical onde se encontram as informações de natureza fonológica, sintática e semântica sobre os itens lexicais individuais. Podemos dizer que o léxico é o dicionário da gramática: as regras desta manipulam os itens lexicais, fazendo uso crucial da informação aí contida.”.

Há uma diferenciação entre Léxico externo e Léxico interno. Basílio (2004: 10) explica pertinentemente o seguinte:

«Quando dizemos que o léxico é o conjunto de palavras de uma língua, estamos focalizando o léxico externo, ou seja, o conjunto de palavras que pode ser verificado nos enunciados dessa língua ou representado nos dicionários. Do ponto de vista interno, ou mental, o léxico corresponde não apenas às palavras que um falante conhece mas também ao conhecimento de padrões gerais de estruturação, que permitem a interpretação ou produção de novas formas. Assim, o léxico interno é constituído por uma lista de formas já feitas e por um conjunto de padrões, os processos de formação de palavras, que determinam estruturas e funções tanto de formas já existentes quanto de formas ainda a serem construídas.»

A noção de Léxico é uma noção abstrata, pois não se consegue determinar definida e definitivamente a quantidade de palavras que compõem o Léxico de uma língua, pois as línguas estão em constante mudança, existindo palavras novas que são criadas e existindo palavras que caem em desuso. O Léxico abarca todas essas palavras: as já criadas em uso e as que já não se usam.

No discurso do quotidiano os falantes de uma língua só utilizam parte do Léxico, a parte que é constituída pelas palavras que eles falam. A essa parte dá-se o nome de Vocabulário ou Repertório lexical.

Quando estamos a falar da parte do Léxico que é empregue em áreas especializadas do saber, como a Física, a Matemática, a Astronomia, a Linguística, a Filosofia, a Arquitetura, etc., estamos a falar da Terminologia dessas particulares disciplinas. Nesse caso, não falamos em palavras, mas sim em termos.

Assim, do Léxico fazem parte os termos das linguagens especializadas (que são o objeto da Terminologia) e as expressões não especializadas, que constituem o Léxico geral. Assim, a presente secção divide-se em duas subsecções: em 4.2.1., apresentam-se aspetos relacionados com a Terminologia; em 4.2.2., comentam-se questões associadas ao Léxico geral.

4.2.1. Questões terminológicas

No âmbito da Terminologia, o termo é a unidade básica, uma vez que “Terminologia” é o grupo de vocábulos específicos de uma ciência ou de uma área do saber.

Correia (2005: 2) refere: “Os termos são, antes de mais, unidades lexicais que assumem significados específicos quando usadas em discurso especializado, significados esses que lhes permitem denominar conceitos científicos e técnicos.”

A Terminologia é um pilar basilar da Tradução, uma vez que é necessário traduzir esses vocábulos para que haja a correta interpretação de tais palavras no contexto do texto a ser traduzido.

No texto original, ocorrem diferentes termos de diversas áreas: Física (especialmente Astrofísica e Física Nuclear ou Atómica), Química, Biologia (Zoologia e Botânica), Astronomia, Náutica e até Jardinagem. Todavia, enunciarei apenas quatro termos, um da área da Botânica, outro da área da

Astronomia, um terceiro da área da Náutica e um quarto da área da Jardinagem, pertinentes por terem sido os que apresentaram dificuldades de tradução.

(i) Termo da área da Botânica

(4)

a) There was a perfume of honeysuckle wafted to us on the summer wind, which stirred the beech-tree and rustled its young leaves lazily, so that the sunlight peeped through the green lattice-work and shone on the faces of these two handsome girls, stretched in graceful postures on the cool sward below—their white teeth sparkling in its brilliance, while their soft laughter made music for me. (p. 31 do livro)

b) Havia um perfume de madressilva que chegou até nós com o vento de verão, que agitava a faia e as suas folhas indolentemente, de modo que a luz do sol espreitava pelo retículo verde e brilhava nas faces daquelas duas formosas raparigas, estiradas com poses graciosas na fresca relva — os seus dentes brancos cintilando brilhantes, enquanto os seus risos suaves eram música para mim. (p. 25 da tradução)

“Lattice-work” é um termo de botânica que, em português, corresponde a “retículo” e que também pode ser traduzido por “treliça”. Escolhi traduzir por “retículo” porque é o termo mais utilizado na botânica, em oposição a treliça, termo mais comum à jardinagem.

O sítio online do IATE (Interactive Terminology for Europe) explica que o vocábulo “lattice” pode ser traduzido para “retículo”, “retícula”, “rede” e “malha”.

Por sua vez, o dicionário Priberam define “retícula” como “rede pequena, saco de malha, alforge”.

Procurando por “retículo” no dicionário Priberam, obtive as seguintes definições:

1. Pequena rede.
2. Padrão ou estrutura que se assemelha a uma rede.
3. [Anatomia] Estrutura em forma de rede, numa célula ou num tecido.
4. [Astronomia] Disco reticulado dos instrumentos de observação.
5. [Botânica] Nervura que cerca a base das folhas.
6. [Zoologia] Segundo compartimento do estômago dos ruminantes. = BARRETE, BONETE, COIFA, Crespina

Sinónimo Geral: RETÍCULA

A nota de Botânica é, porventura, a mais importante, uma vez que a nervura que cerca a base das folhas da faia, agitada nas suas folhas pelo vento de verão, é o alvo final do narrador ao falar de retículos. Este termo, retículo, é o termo correspondente à definição dada pelo dicionário Infopédia, na segunda das aceções:

1.
rede pequena
2.
(BOTÂNICA) nervura que cerca a base das folhas
3.
(HISTOLOGIA) estrutura em forma de rede
- 4.

(ÓTICA) disco com uma abertura circular ao centro, cortada perpendicularmente por dois fios tenuíssimos que servem de ponto de referência nas lunetas astronómicas e em muitos outros instrumentos óticos.

(ii) Termo da área da Astronomia

(5)

a) “The result of that impact will be a new star nebula, with all its weary history before it ; a history of suffering, in which a million years will not be long enough to write a single page.” (p. 90 do livro)

b) “O resultado desse impacto será uma nova nebulosa de estrelas, com toda a sua fatigante história anterior, uma história de sofrimento, na qual um milhão de anos não serão longos o suficiente para se escrever uma única página.” (p. 65 da tradução)

De acordo com o dicionário *online* Priberam, “estrela” é um termo de Astronomia, que significa “astro fixo com luz própria”. Por sua vez, o mesmo dicionário define “nebulosa” como “reflexo esbranquiçado de um numeroso agrupamento de estrelas distantes”.

Também o dicionário da Porto Editora Infopédia define “estrela” como:

1.

(ASTRONOMIA) astro aparentemente fixo que tem luz e calor próprios

2.

qualquer corpo celeste

Quanto a “nebulosa”, o mesmo dicionário apresenta a seguinte definição:

1.

(ASTRONOMIA) mancha esbranquiçada e difusa, semelhante a uma nuvem, visível no céu estrelado, produzida por corpos siderais, gases, estrelas e poeiras

Uma estrela é, portanto, diferente de uma nebulosa, pois as nebulosas podem conter estrelas, mas uma estrela não pode conter uma nebulosa.

“Estrela nebulosa” ou “estrela nebulosa”, correspondente a “star nebula”, a qual Robert Cromie refere no livro, são definições que não estão bem especificadas. “Nebulosa de estrelas” é, todavia, uma expressão que está fundamentada na literatura de Ficção Científica. Resolvi, pois, mudar a frase para “O resultado desse impacto será uma nova nebulosa de estrelas,…” (p. 65 da tradução)

(iii) Termo da área da Náutica

(6)

a) Brande welcomed us at the gangway. (p. 102 do livro)

b) Brande acolheu-nos no corredor. (p. 74 da tradução)

Neste caso, “gangway” pode ser traduzido para “corredor”, por ser um termo náutico que corresponde a “passagem” ou “passadiço”. É uma plataforma elevada que pode ser movida, proporcionando uma passagem para quem entra no navio ou para quem sai do mesmo. Também pode designar a passagem estreita que liga o “quarterdeck” (convés ou coberta) ao “forecastle” (castelo de proa) do navio. (*The Oxford Companion to Ships and the Sea* (2 ed.))

(iv) Termo da área da Jardinagem

(7)

a) Close-shaven lawns bordered it. They were artificial products, no doubt, but they were artificial successes — undulating, earth scented, fresh rolled every morning. (pp. 29 e 30 do livro)

b) Delimitavam-no relvados bem cortados. Eram, sem dúvida, produtos artificiais, mas eram bem-sucedidos — ondulantes, com cheiro a terra, tratados com rolo compressor todas as manhãs. (p. 24 da tradução)

Fala-se em relva tratada com rolo compressor todas as manhãs. É um termo técnico próprio de jardinagem que poderia ser traduzido menos corretamente por quem não está familiarizado com tal atividade. Utilizei aqui um termo (“rolo compressor”), que poderia ser reunido no âmbito das questões terminológicas, para traduzir uma expressão inglesa de léxico geral, como a que temos em “fresh rolled”.

4.2.2. Aspetos do Léxico Geral

As expressões não especializadas do Léxico fazem parte do Léxico Geral. Neste subcapítulo, apresento-as mais detalhadamente tendo em conta os seguintes tópicos:

- Falsos amigos
- Polissemia
- Sinonímia
- Caso possessivo
- Expressões idiomáticas
- Expressões adverbiais
- Palavras compostas
- Caso de ambiguidade

Falsos amigos

Os falsos amigos (ou falsos amigos semânticos) são também designados como heterossemânticos. “São cada uma das palavras que, pertencendo a línguas diferentes, são muito parecidas na forma mas diferentes no significado. [Por exemplo, em italiano, a palavra "burro" significa "manteiga" e não "asno", como em português.]” (“falso amigo”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2020, <https://dicionario.priberam.org/falso%20amigo> [consultado em 06-06-2020]).

Isto é o fenómeno da heterossemanticidade interlinguística.

O termo ‘falso amigo’ criou-se a partir de um livro de linguistas franceses (Koessler and Derocquigny), que descreveram este fenómeno linguístico no livro “Les Faux-Amis ou les trahisons du vocabulaire anglais”, que foi traduzido para o inglês em 1928, intitulado “False friends of the translator”.

Um exemplo de falsos amigos são o português “todavia”, que significa “contudo”, e o espanhol “todavía”, que em português significa “ainda”; outro exemplo é “embarçada” em português, que significa “envergonhada” e “embarazada” em espanhol, que significa “grávida”. É, também, o caso clássico de “puxe” em frente a uma porta, em português, e, igualmente em frente a uma porta, “push” em inglês, que significa o oposto: “empurre”.

Não devemos confundir os falsos amigos com falsos cognatos, pois estes últimos são palavras ou unidades linguísticas que diferem a respeito da origem histórica dos vocábulos, não importando o significado, enquanto que os primeiros são palavras ou unidades linguísticas que diferem a respeito do significado (Rebouças, 2019).

Atente-se neste falso amigo que foi tido em consideração no âmbito do presente projeto de tradução.

(8)

a) On every one Miss Brande took the part of the weak against the strong, oblivious of every consideration of policy and even ethics, careful only that she championed the weak because of their weakness. (p. 33 do livro)

b) Em cada um deles, Miss Brande tomou a parte do fraco contra o forte, esquecida de toda e qualquer diplomacia e até de ética, determinada apenas em defender os fracos por serem fracos. (p. 27 da tradução)

Neste caso, “policy” apresenta-se como um falso amigo, sendo tentador traduzir esta palavra por “polícia”. Não é, no entanto, este o equivalente adequado, como se verifica até no tradutor incorporado do Google, que apresenta vários equivalentes para “policy”, nenhum deles correspondente a “polícia”: política, apólice, diplomacia, sagacidade, prudência, entre outros.

Dadas as diferentes hipóteses de tradução, tive dúvidas quanto à escolha do melhor equivalente neste contexto. “Política” era uma possibilidade algo improvável, mas as palavras “diplomacia” ou “prudência” também eram prováveis. “Sagacidade” era, ao mesmo tempo, uma palavra adequada. “Diplomacia” pareceu-me adaptar-se melhor ao contexto, em particular, tendo em conta as características de Miss Brande, descrita como frontal e defensora manifesta dos mais fracos, e tendo em conta que “diplomacia” é o vocábulo que melhor se define como a entidade em falta na relação interpessoal tão franca e radical que Miss Brande exhibe no excerto textual em questão.

Polissemia

“Polissemia” é um vocábulo oriundo do grego “polýs”, que significa “muito”, a que se junta “séma”, que significa “sinal”; polissemia é, portanto, uma

propriedade de uma palavra ou um constituinte morfológico a que se podem atribuir diferentes significados.³

Atente-se no seguinte exemplo, que ocorre no texto traduzido:

(9)

a) The philosopher looked on me with grave, kind eyes. But the woman's heart within her sent the red blood flaming to her cheeks. It was then given to me to fathom the lowest depth of boorish stupidity I had ever sounded.

" I don't mean that," I cried, " I would not dare—" (pp. 66 e 67 do livro)

b) A filósofa observou-me com sérios e carinhosos olhos. Mas o coração feminino dentro dela enviou o vermelho sangue que fulgia para as suas bochechas. Foi aí que me foi dada a entender a maior profundidade de estupidez que eu jamais proferira.

— Eu não quero dizer isso — choraminguei —, eu não me atreveria... (p. 49 da tradução)

Nesta exclamação de Arthur Marcel é difícil, mesmo atendendo ao contexto da expressão, dizer se ele está a “gritar” ou a “chorar”. Em inglês, “cry” pode corresponder, em português, ao verbo “gritar” ou ao verbo “chorar”. Em face de dubitativo resultado de análise, optei por escolher o choro do narrador como mais provável interpretação. Ele desculpa-se à sua interlocutora, Natalie Brande, por algo que cuidou como tolo e despropositado, choramingando ou, quiçá, dando um repentino grito para uma possível redenção do ato menos conveniente. Tendo

³ Alguns autores distinguem polissemia de homonímia (ver, por exemplo, Correia 2000). Vejam-se as seguintes definições, retiradas do *Dicionário Terminológico*:

- i. Polissemia: Propriedade semântica característica das palavras ou dos constituintes morfológicos que possuem mais do que um significado.
- ii. Homonímia: Relação entre palavras que partilham a mesma grafia e são pronunciadas da mesma forma, mas que têm significados distintos.

Assim, a polissemia, normalmente, é característica de uma palavra, ao passo que a homonímia envolve pelo menos duas palavras, que, tendo a mesma grafia e a mesma pronúncia, derivam de étimos distintos. Por simplificação, não usarei aqui a distinção; refiro-me sempre a polissemia como geradora de ambiguidade.

em conta a narrativa e as características das personagens, optei por “choramingar”.

Sinonímia

Os casos de sinonímia são casos em que existem várias possibilidades de tradução interlinguística (entre línguas), com vários sinónimos mais ou menos pertinentes para uma mais adequada tradução. No meu trabalho, tive de escolher o sinónimo mais apropriado para veicular mais corretamente a informação que o autor do livro desejou que fosse transmitida aos leitores.

(10)

a) “The theory of evolution — her gospel — reeks with ruffianism, nature-patented and promoted.” (p. 85 do livro)

b) “A teoria da evolução, que é o seu evangelho, tresanda a comportamentos impróprios e imorais, promovidos e patenteados pela Natureza.” (p. 62 da tradução)

Ao ver que “ruffianism” é o comportamento próprio de um rufia, resolvi traduzir este trecho literário para “... tresanda a comportamentos impróprios e imorais,...” (p. 62 da tradução)

(11)

a) She was watching the crowd seething and swarming past. (p. 13 do livro)

b) Ela observava aquela multidão que fervilhava e passava como um enxame. (p. 12 da tradução)

Traduzi por “Ela observava aquela multidão que fervilhava e passava como um enxame.” (p. 12 da tradução). Utilizei a palavra “enxame” como estratégia de clarificação e de expansão, fiel à convicção de que “swarming” é melhor traduzido por “enxame”, pois o dicionário Merriam-Webster explica detalhadamente o seguinte:

“Definition of swarm

(Entry 1 of 3)

1a : a great number of honeybees emigrating together from a hive in company with a queen to start a new colony elsewhere

b : a colony of honeybees settled in a hive

2a : a large number of animate or inanimate things massed together and usually in motion : throng swarms of sightseers a swarm of locusts a swarm of meteors

b : a number of similar geological features or phenomena close together in space or time a swarm of dikes an earthquake swarm”

swarm verb (1)

swarmed; swarming; swarms

Definition of swarm (Entry 2 of 3)

intransitive verb

1 : to form and depart from a hive in a swarm

2a : to move or assemble in a crowd : throng

b : to hover about in the manner of a bee in a swarm

3 : to contain a swarm : teem swarming with bugs

transitive verb

1 : to fill with a swarm

2 : to beset or surround in a swarm players swarming the quarterback

swarm verb (2)

swarmed; swarming; swarms

Definition of swarm (Entry 3 of 3)

intransitive verb

: to climb with the hands and feet specifically : shin swarm up a pole

transitive verb

: to climb up : mount” (<https://www.merriam-webster.com/dictionary/swarm>,
sítio acedido a 06/07/2019.)

A definição que nos interessa neste caso é a 2.^a da entrada 1 de 3. “Swarm” pode ter vários significados, mais a nível do verbo do que a nível do nome.

Caso possessivo

Analiso aqui um exemplo relativo à ambiguidade de um caso em que ocorre a marca de possessivo. Tratando-se de uma questão sintática, coloco-a nesta secção sobre léxico geral apenas porque a relação de posse expressa por este elemento (“’s”) me levou a proceder a uma alteração lexical.

(12)

a) Intellectually, he was a pupil of Brande's who did his master credit. (p. 66 do livro)

b) Intelectualmente, ele era um pupilo dos homens de Brande que dava crédito ao seu mestre. (p. 48 da tradução)

Robert Cromie talvez quisesse dizer que o rapaz Halley era um pupilo de Brande e não um pupilo dos membros da Sociedade de Herbert Brande, dos associados de Herbert Brande, como parece estar evidenciado pelo apóstrofo indicador de posse em língua inglesa. Mesmo assim, resolvi manter uma tradução fiel ao texto

original, não obstante com isso poder incorrer num presumível lapso. Traduzi por “Intelectualmente, ele era um pupilo dos homens de Brande que dava crédito ao seu mestre.” (p. 48 da tradução)

Expressões idiomáticas

As expressões idiomáticas são sequências de palavras que formam uma unidade de sentido. Esse sentido não é obtido composicionalmente, ou seja, o significado da expressão idiomática não resulta da soma dos significados das palavras que a constituem; o significado da expressão idiomática é convencional e atribuído a toda a expressão. Como afirma Saeed (2003: 60) uma expressão deste tipo é constituída por “words collocated together which become fossilized, and fixed over time.”.

Por essa razão, no âmbito da tradução, as expressões idiomáticas nem sempre são traduzíveis literalmente da língua de partida para a língua de chegada. (Saeed 2003: 60)

No texto traduzido, ocorrem algumas expressões idiomáticas, que foram alvo de reflexão. De seguida, apresentam-se alguns exemplos.

(13)

a) " Advanced—advanced ? I am afraid I do not comprehend. What do you mean by ' advance! ' ? And how could it be in my line. I presume you mean by that, on my plane of thought ?" (p. 64 do livro)

b) — Avançado, avançado? Temo não o estar a compreender. O que quer dizer com “avançado”? E como poderia ser do meu interesse? Presumo que queira dizer que poderia estar no meu nível de pensamento? (p. 47 da tradução)

A expressão idiomática é “to be in somebody’s line” ou “to be in the line of somebody”. Significa estar no campo de interesse de algo ou de alguém.

O dicionário Longman indica:

“be in somebody’s line

informal — to be the type of thing that someone is interested in or good at

Example: “Acting’s not really in my line, I’m afraid.””

(<https://www.ldoceonline.com/dictionary/be-in-somebody-s-line>. Sítio acessado a 12/3/2020)

The Free Dictionary by Farlex também corrobora, sendo a opção de interesse para este caso a opção 4:

“be in line

1. Literally, to wait in a line of people.

Example 1: This shouldn't take much longer—mom's in line to pay right now.

Example 2: People who wanted to get one of the early smartphones would be in line for hours, if not days!

2. To be a likely recipient of something, such as a job or an award.

Example 1: I'm pretty sure I'm in line for Connie's position once she retires.

Example 2: My daughter is a great student, so she's in line for many academic awards at graduation.

3. To conform, adhere to, or agree with that which is established or generally accepted, such as rules, beliefs, modes of behavior, etc.

Example: You might have some wild ideas for the future, but you'll never get anywhere in this business if your actions aren't in line with your boss's expectations.

4. To be an area of skill or interest for someone. In this usage, a pronoun is usually used between "in" and "line."

Example: My mom studied art in college, so it's not surprising that photography is in her line.”

(<https://idioms.thefreedictionary.com/is+in+your+line>. Sítio acessado a 12/3/2020)

Este diálogo de Arthur Marcel pode ser interpretado, especialmente na palavra “line”, como uma referência a “interesse”, “área do saber”, “campo do saber”. Sem recorrer a figuras de estilo, escolhi o vocábulo “interesse”, uma vez que é este o vocábulo que ocorre na expressão “ser do interesse de alguém”.

(14)

a) "Because I thought it would be in your line. It is very advanced." I said this to gain time. (p. 64 do livro)

b) — Porque pensei que poderia ser do seu interesse. É muito avançado. — Eu disse isto para ganhar tempo. (p. 47 da tradução)

A expressão idiomática, como já referi, é “to be in somebody’s line” ou “to be in the line of somebody”, a qual significa estar no campo de interesse de algo ou de alguém.

A explicação anterior é adequada aqui.

(15)

a) "She has no system, unless it be a *reductio ad absurdum*, which only blunders on the right way after fruitlessly trying every other conceivable path. She is not wise. She never fills a pail but she spills a hogshead." (p. 85 do livro)

b) — Ela não tem sistema, a não ser que seja um sistema de *reductio ad absurdum*, que toma o caminho certo após infrutiferamente ter tentado todo e qualquer outro caminho. Ela não é sábia. Ela nunca enche um balde, mas despeja uma pipa. (p. 62 da tradução)

Trata-se de uma expressão que não tem equivalente em português. Esta expressão inventada por Robert Cromie deverá ser melhor traduzida por “Ela nunca enche um balde, mas despeja uma pipa.” (p. 62 da tradução). Em lugar de “pipa” também se poderia utilizar o vocábulo “tonel”, que é uma “vasilha de aduela de grande lotação” segundo o dicionário online Priberam. Isto porque o que está a ser transmitido aqui envolve uma quantificação através da utilização de nomes que indicam recipientes: o primeiro mais pequeno e o segundo maior, querendo demonstrar um aforismo que indica que, em lugar de fazer um bem, ainda que pequeno, a entidade a que se aplica o aforismo não o faz e, ainda por cima, causa um mal superior. Na ausência de um equivalente adequado, mantive-me fiel ao original, sendo a mensagem pretendida veiculada pela minha opção de tradução.

Expressões adverbiais

Em alguns casos, surgiram dificuldades na tradução de formas adverbiais. Vejam-se os seguintes exemplos:

(16)

a) "The conventional New Woman is a grandmotherly old fossil," Miss Metford said quietly. (p. 27 do livro)

b) — A Nova Mulher convencional é um velho fóssil com modos de avó — disse em voz baixa Miss Metford. (p. 22 da tradução)

Traduzi o advérbio “grandmotherly” por “... com modos de avó”, uma vez que não encontrei nenhum termo mais apropriado (particularmente, da classe dos advérbios) em português que pudesse substituir este advérbio. Este exemplo mostra as diferentes formas de derivar palavras nas duas línguas em causa. Com efeito, a derivação em inglês é um processo de criação de palavras mais amplo do que em português, no sentido em que se podem formar palavras através do

mesmo processo a partir de bases de categorias diferentes das que podem ser usadas em português, o que permite obter um maior número de palavras. Veja-se, neste caso, que, em português, os advérbios de modo derivados através do sufixo “-mente” têm como base derivacional formas adjetivais e não nominais, como acontece em “grandmotherly”.

A minha opção de tradução é validada pelo Tradutor do Google, que indica como plausíveis traduções da palavra “grandmotherly” para português “próprio de avó” ou “demasiado maternal” (<https://translate.google.pt/?hl=pt-PT&tab=wT1#view=home&op=translate&sl=en&tl=pt&text=grandmotherly>, sítio acedido a 08/09/2019).

No dicionário Collins lê-se:

grandmotherly in American

('græn,mʌðərli ; 'grænd,mʌðərli ; 'grænd,mʌðərli ; 'græn,mʌðərli ; 'græm,mʌðərli ; 'græ,mʌðərli)

adjectivo

1.

of a grandmother

2.

having traits considered typical of grandmothers; kindly, indulgent, solicitous, etc.

3. Informal

fussy

Webster's New World College Dictionary, 4th Edition. Copyright © 2010 by Houghton Mifflin Harcourt. All rights reserved.

Acima está a explicação para o inglês americano. Abaixo segue a explicação para o inglês do Reino Unido:

grandmotherly in British

('græn,mʌðəli , 'grænd-

adjective

of, resembling, or suitable to a grandmother, esp in being protective, indulgent, or solicitous

Collins English Dictionary. Copyright © HarperCollins Publishers.

(<https://www.collinsdictionary.com/pt/dictionary/english/grandmotherly>, sítio
acedido a 05/08/2019).

O advérbio “grandmotherly” tem uma tradição de entrada na língua inglesa.

Podemos verificar a ocorrência desse advérbio em literatura como a do jornal inglês The Times:

“Looking at family problems from a grandmotherly perspective has thrown up some recurrent themes.

The Times, The Sunday Times (2007)”

A tradução para português tem de ser feita de modo paralelo, não linear.

(17)

a) She accosted me cheerfully by my surname, and not to be outdone by her, I said coolly:

“How d'ye do, Metford ?” (p. 44 do livro)

b) Abordou-me alegremente, chamando-me pelo meu nome de família e, para não ser ultrapassado por ela, disse-lhe de modo irreverente:

— Tudo bem, Metford? (p. 34 da tradução)

Esta é uma dificuldade interessante. O advérbio “coolly” não deve ser interpretado como “friamente” neste caso. O mais provável é que seja tomado pelo seu sentido mais informal, o qual é, segundo o dicionário online Oxford: “(informal) in a way that is fashionably attractive or impressive” — de um modo que está na moda, atrativo ou impressionante.

Uma questão deve ser, porém, aqui colocada: será que Robert Cromie, um escritor do século XIX e de princípios do século XX, utilizaria o advérbio “coolly” (e, conseqüentemente, o adjetivo “cool”) no seu sentido mais informal? Penso que sim, sendo o escritor pioneiro em tais usos, pois a fala do narrador Arthur Marcel com Miss Edith Metford na expressão em apreço e na seguinte indica informalidade de tratamento:

““ Very well, thanks. I suppose you expected Natalie ? You see you have only me.”

“ Delighted,” I was commencing with a forced smile, when she stopped me.” (p. 44 do livro).

Então, traduzi “coolly” por “de modo irreverente”, pois, embora não seja uma das definições apresentadas pelo dicionário online Oxford, é uma definição que significa “estar na moda, ser atrativo ou impressionante”.

Palavras compostas

A palavra composta é toda a palavra em que há duas ou mais raízes distintas na sua formação. Se uma palavra possuir na sua formação uma combinação de palavras de origens variadas, identificamo-la como palavra composta. Essas palavras podem ser compostas por aglutinação ou por justaposição.

Palavras compostas por aglutinação são palavras que perderam parte da sua estrutura interna, tendo ficado sem “a ideia de composição, caso em que se subordinam a um único acento tônico e sofrem perda da integridade silábica” (Cunha e Cintra 2002: 106). São vocábulos como “aguardente” (água + ardente) e “planalto” (plano + alto).

“Palavras compostas por justaposição são palavras que têm os seus elementos somente justapostos, conservando assim a integridade dos mesmos” (*idem*).

São vocábulos como “passatempo” (passa + tempo), “malmequer” (mal + me + quer) ou “guarda-chuva” (guarda + chuva).

Considere-se, de seguida, as palavras compostas que obrigaram a uma reflexão durante o processo de tradução.

(18)

a) My diagnosis of the strange seeing-without-sight expression of her eyes was then correct. (p. 52 do livro)

b) O meu diagnóstico sobre o ver-sem-ver dos olhos dela estava correto. (p. 39 da tradução)

Traduzi para “ver-sem-ver” e ficou “O meu diagnóstico sobre o ver-sem-ver dos olhos dela estava correto.” (p. 39 da tradução). É um neologismo composto por justaposição, que penso ser útil na transmissão da informação do texto original.

(19)

a) She creates only to kill, and applies the rule as remorselessly to the units in a star-drift as to the tadpoles in a horse-pond. (p. 86 do livro)

b) Ela cria apenas para matar e aplica a regra tão impiedosamente para o movimento das estrelas como para os girinos dentro de um tanque de água para cavalos. (p. 62 da tradução)

Traduzi as duas palavras compostas “star-drift” e “horse-pond” para os sintagmas compostos por palavras individualizadas “movimento das estrelas” e “tanque de água para cavalos”. Principalmente o sintagma “movimento das estrelas” foi objeto de reflexão, por não encontrar equivalência tradutológica evidenciada em traduções anteriores à minha tradução do livro de Robert Cromie, por exemplo, em livros de cosmologia ou mesmo só de astronomia.

Caso de ambiguidade

(20)

a) For the sake of this girl, and for the manifestly impossible purpose of protecting her from herself as well as others, I had surrendered myself to the probable vengeance of a band of cut-throats if I betrayed them, and to the certain vengeance of the law if I did not. (p. 43 do livro)

b) Por causa desta rapariga e por causa do desígnio manifestamente impossível de a proteger de si própria e dos outros, tinha-me rendido à provável vingança de um bando de degoladores, caso os traísse, e à vingança certa da Lei, caso não o fizesse. (p. 33 da tradução)

A tradução literal da frase seria: “... de a proteger de si própria bem como a outros,...”. Contudo, achei que o narrador tinha a intenção de evidenciar as possíveis proteções da rapariga em relação a ela, bem como em relação a outros que lhe pudessem fazer mal. Escolhi traduzir do seguinte modo: “... de a proteger de si própria e dos outros,...” (p. 33 da tradução). Se Robert Cromie tinha, todavia, a intenção de falar numa possível proteção em relação a pessoas que, porventura, ainda não se tinham juntado à Sociedade Cui Bono, então, aceitarei ser falha minha na tradução deste excerto, que considero contar alguma ambiguidade.

4.3. Coesão referencial

Neste ponto apresento casos em que a dificuldade se encontra na escolha de um pronome. Na realidade, esta questão está fortemente relacionada com a coesão referencial.

Segundo Mendes (2013) a coesão referencial é uma componente da coesão textual, sendo esta última um aspeto importante para a produção e compreensão dos textos, uma vez que assegura a ligação entre as diferentes partes do texto, ou seja, palavras, orações e parágrafos. A coesão referencial ocorre quando uma expressão que já surgiu no texto é mantida ou substituída por outra expressão ao longo do texto, referindo-se sempre à mesma entidade. Um dos termos (o primeiro, geralmente) é o referente textual e os restantes são correferentes com aquele. O conjunto de expressões que são correferentes designa-se por cadeia referencial.

Os diferentes mecanismos de coesão referencial são as anáforas, as catáforas, as elipses, as reiteraões e as paráfrases. Darei um exemplo de cada um com exemplos da tradução do livro *The Crack of Doom*, chamada *O Dia do Juízo Final*.

Anáfora: “Em cada um deles, Miss Brande tomou a parte do fraco contra o forte, esquecida de toda e qualquer diplomacia e até de ética, determinada apenas em defender os fracos por serem fracos. Miss Metford encorajou-a e foi mais longe na sua revolta conjunta contra o senso comum.” (p. 27 da tradução)

Neste caso o referente textual vem primeiro (“Miss Brande”) e depois surge o correferente (“-a”, que é um pronome pessoal átono, correferente com “Miss Brande”).

Catáfora: “Dei-lhe o meu endereço. Miss Metford escreveu-o numa placa com capa de prata e disse:

— Tudo bem. Procurá-lo-ei numa destas noites.” (p. 44 da tradução)

O pronome pessoal átono “-lhe”, que surge primeiro, é correferente com “Miss Metford”, que aparece depois. A catáfora é o inverso da anáfora, com um correferente a surgir antes de um referente textual.

Elipse: “De pé numa rocha plana, lado a lado, [] encorajei-me a perguntar a essa jovem mulher a mesma questão que eu perguntara à sua amiga, Edith Metford: o que sabia ela da extraordinária e absurda Sociedade — como eu ainda a tentava considerar — que Herbert Brande tinha fundado.” (p. 50 da tradução)

A elipse, que é a omissão na oração de um termo que, no entanto, é facilmente identificável pelo leitor, ocorre, por exemplo, com a omissão do pronome pessoal “eu” antes de “encorajei-me”. Trata-se, neste caso, de um sujeito nulo.

Reiteração: “E isso foi tudo. Houve uma pausa constrangedora. Houve uma pausa constrangedora que devia ser quebrada de qualquer modo. Qualquer caminho seria melhor do que manter a situação.” (p. 47 da tradução)

A reiteração é a repetição de elementos referenciais textuais. Também é designada como anáfora fiel. Aqui se verifica ela com a repetição de “uma pausa constrangedora”.

Paráfrase: “O gigante ruivo instantaneamente libertou Natalie e pôs as mãos no ar. A atitude do homem mostrava que ele não sabia nada de defesa.” (p. 73 da tradução)

A paráfrase, ou anáfora infiel, é o uso de uma expressão nominal expandida que retoma um referente do texto. “Essa expressão é um caso em que não só se verifica mudança do determinante, mas em que o núcleo do grupo nominal presente no termo anafórico é diferente do núcleo do grupo nominal presente no antecedente, sendo, porém, obrigatório que as referências virtuais de ambos sejam satisfeitas pelo mesmo segmento da realidade.” (Marques, 2009: 40) Verifica-se aqui com a substituição de “gigante ruivo” por “homem”.

A seguir veremos um caso de ambiguidade referencial que se insere neste tópico da coesão referencial, com uma anáfora específica que estudaremos e que me levantou uma dificuldade por poder ser um caso de correferência com um sujeito nulo.

(21)

a) They were not pantheists, for they saw neither universal good nor God, but rather evil in all things — themselves included. (p. 16 do livro)

b) Não eram panteístas, pois não viam nem o Bem Universal nem Deus, mas, antes, o Mal em todas as coisas — inclusivamente neles próprios. (p. 14 da tradução)

“Themselves” pode referir-se a “all things” ou “they”, os sócios. Dado que, em inglês, a forma pronominal é invariável quanto ao género, colocou-se a questão de saber qual a forma adequada: “eles próprios” ou “elas próprias”. Neste caso, a opção por “eles próprios” como correferente com a forma de sujeito nulo (cujo referente é “os sócios”) foi determinada contextualmente, o que permitiu estabelecer a cadeia de referência adequada.

4.4. Erros casuais

No texto de partida, ocorrem alguns erros indefinidos e pontuais. Podem ser ortográficos por parte do autor, tipográficos, ou outros.

(22)

a) "It is rather a stirring sight," I said so sharply to Miss Brande that she started. (p. 13 do livro)

b) — É deveras uma visão agitada — disse eu a Miss Brande tão abruptamente que ela até se assustou. (p. 12 da tradução)

Neste caso, é minha convicção que o verbo “startled” foi trocado por “started”, um mero erro ortográfico. O que deveria estar era: “I said so sharply to Miss Brande that she was/got startled.”

Traduzi para “— É de veras uma visão agitada — disse eu a Miss Brande tão abruptamente que ela até se assustou.”. (p. 12 da tradução)

(23)

a) His demeanour was imperturable, sphinx-like. (p. 93 do livro)

b) O seu comportamento era imperturbável, como uma esfinge. (p. 67 da tradução)

A palavra “imperturable” é, certamente, um erro do narrador ou um erro tipográfico. O vocábulo correto nesta oração é, sem dúvida, o adjetivo “imperturbable”, ou seja, “imperturbável”. Foi para tal adjetivo que traduzi o texto original.

4.5. Questões culturais

Algumas questões que se colocaram na tradução do texto em causa estão relacionadas com o ambiente sociocultural peculiar às expressões desse texto (o texto em língua inglesa de Robert Cromie).

A cultura é um fator preponderante no processo da tradução, com grande influência nas escolhas linguísticas. A tradução serve de mediadora entre as culturas e há intelectuais que afirmam que está condenada a sucessos e a fracassos por isso mesmo. Muitos são pessimistas, muitos outros são otimistas. Por exemplo, Baker (1992) afirma que “The literature abounds with theoretical arguments which suggest that translation is an impossible task, that it is doomed

to failure because (a) languages are never sufficiently similar to express the same realities, and (b) even worse, ‘reality’ cannot be assumed to exist independently of language. But in spite of its many limitations, translation remains a necessary and valuable exercise. It has brought and continues to bring people of different cultural and linguistic backgrounds closer together, it has enabled them to share a more harmonious view of the world, it has built bridges of understanding and appreciation among different societies. Even the most sceptical of critics cannot but admit that, if it were not for translators and interpreters, we would be living in a far less friendly and less interesting environment.” (Baker, 1992: 8-9)

A cultura também é importante para a tradução porque várias expressões da língua de uma cultura devem ter equivalente cultural na língua da outra cultura para serem entendidas e traduzidas. Quando não têm, referimos que esses termos são específicos de uma cultura. Baker (1992) refere isso quando afirma que “The source-language word may express a concept which is totally unknown in the target culture. The concept in question may be abstract or concrete; it may relate to a religious belief, a social custom, or even a type of food. Such concepts are often referred to as ‘culture-specific’.” (Baker, 1992: 21).

Considerem-se os exemplos seguintes, recolhidos do texto que traduzi.

(24)

a) "Poor fiddlesticks! It is well for you that Marcel is a man of violence. He's worth a dozen sheep like—" (p. 102 do livro)

b) — Ora essa! Está bem para vocês que Marcel seja um homem de brutalidade. Ele vale para aí doze ovelhas... (p. 73 da tradução)

“Fiddlesticks” é uma forma de dizer “Nonsense”, algo que não tem sentido e, por consequência, é um despautério. O termo “fiddlesticks” é um termo cultural do mundo da música que designava os “fiddle sticks”, ou seja, os arcos utilizados para se tocar o violino. Desde o século XV que surgiu na literatura inglesa e em

manuais para o ensino da música com a designação “fydylstyks”. Depois, passou a ser um termo cultural literário que teve o seu sentido alterado no século XVII: o significado de “algo absurdo”. O autor inglês Thomas Nashe (1567 — c. 1601), que achou a palavra cómica, sendo esse o motivo do uso, usou o termo na sua peça *Summer's Last Will and Testament*, (1600):

“A fiddlesticke! ne're tell me I am full of words.”

(veja-se <https://www.phrases.org.uk/meanings/fiddlesticks.html>, sitio accedido a 20/07/2020)

No início do século XVII, o termo também era usado como “fiddlestick's end” para designar algo como absurdo, risível e supérfluo.

O dicionário Merriam Webster indica: “Definition of fiddlestick

1 : a violin bow

2a : something of little value : trifle didn't care a fiddlestick for that

b fiddlesticks\ 'fi-dl-,stiks

\ plural : nonsense —used as an interjection”. (<https://www.merriam-webster.com/dictionary/fiddlestick>, accedido a 04/04/2019).

No entanto, no texto original traduzido, há alguma dúvida se quem diz a frase se está a referir aos marinheiros bêbedos como “poor fiddlesticks” ou se está a afirmar que é um desconchavo o que Natalie Brande anteriormente dissera. Optei por traduzir o texto para português acreditando nesta segunda hipótese, o que me levou ao uso da interjeição “Ora essa!”

Por igual, ocorrem no texto algumas expressões latinas, o que é próprio da literatura do século XIX.

(26)

a) *Morituri te salutant.* (p. 104 do livro)

b) *Morituri te salutant.* (p. 75 da tradução)

Morituri te salutant é uma expressão em latim que mantive no texto em português e que significa “Os que vão morrer saúdam-te!” Trata-se das palavras que, segundo Suetônio, pronunciavam os gladiadores ao desfilar, antes do combate, por diante da tribuna imperial. Também usei no texto traduzido uma nota de rodapé para elucidar os leitores.

Um pequeno apêndice: também *reductio ad absurdum* surge no texto de Robert Cromie, outra expressão latina, na página 85 do livro, a qual mantive na página 62 da tradução.

(27)

a) "She has no system, unless it be a *reductio ad absurdum*,..." (p. 85 do livro)

b) — Ela não tem sistema, a não ser que seja um sistema de *reductio ad absurdum*,... (p. 62 da tradução)

Essa expressão significa “redução ao absurdo” e é uma particularidade da Lógica, com a qual uma ou mais hipóteses são assumidas e, ao assumir-se também a partir destas um corolário absurdo, assume-se que a suposição dessas hipóteses existirem é errada (Medeiros, 1995). Mantive a expressão na tradução e adicionei uma nota de rodapé referente à expressão para elucidar os leitores que eventualmente a desconhecem.

5. Conclusão

O presente trabalho de projeto teve como finalidade apresentar e analisar a tradução parcial da obra *The Crack of Doom*, livro escrito por Robert Cromie.

Expus as tendências deformantes de Berman (1984) e exemplifiquei, com dados da minha tradução, as estratégias definidas por este autor.

Apresentei algumas questões terminológicas, executando pesquisa em bases de dados terminológicas e dicionários de especialidade para averiguar termos próprios, cujos significados poderiam ser desconhecidos não só para os eventuais leitores do meu trabalho de projeto, como principalmente para mim.

Além disso, apresentei algumas questões relacionadas com o léxico não especializado, focando, em particular, falsos amigos, polissemia, sinonímia, o caso possessivo, as expressões idiomáticas, expressões adverbiais e palavras compostas. Fiz também referência à importância da coesão referencial e identifiquei erros casuais.

Utilizei um tratamento formal e cuidado no relacionamento das personagens, como já referi anteriormente. Respeitei as escolhas linguísticas do autor do livro, somente chamando para o leitor português (na atitude “domesticante” de Schleiermacher) aquelas expressões com as quais se familiarizavam mais e que assinalei com notas na tradução da obra, bem como dos nomes dos locais que em português não possuem uma correspondência consagrada (e.g., Hanover Square).

Os desafios que se me colocaram foram vários; contudo, bebendo do néctar da perseverança, logrei ultrapassar os intercetores óbices. Defendi a perspectiva tradutológica equipendente entre a tradução domesticante e a tradução estranhante, evidenciando as posições dos diversos autores que estudaram essas questões. Isto porque é importante adaptar ao leitor o texto original, mas não em demasia, pois Lathey (2006: 75) também

afirma: “O alargamento dos horizontes do leitor seria impossível se tudo fosse demasiado simplificado e adaptado ao meio do público-alvo do texto de chegada.”

Exibi factos que corroboram o facto de a tradução ter facetas culturais e sociais, tautócronas às facetas linguísticas, chamando a atenção para o facto de ser necessário atentar nesses aspetos para se poder atingir com sucesso a transmissão da mensagem para o leitor mais incauto e inexperiente nos âmbitos literários, em especial no da Ficção Científica.

Concluindo, apresentei uma possibilidade de tradução de parte de uma obra valiosa que não tem tido o seu mais devido reconhecimento junto de críticos literários e apreciadores de literatura, mas que espero que venha a ser um pouco mais valorizada pelo meu magro contributo. Espero que os leitores possam apreciar mais o trabalho deste autor, após terem apreciado o seu livro, e que o vejam como ele é verdadeiramente: um precursor no seu género de Ficção Científica, com ideias brilhantes que antecederam muitos outros génios deste género literário (como Herbert George Wells ou Isaac Asimov).

Sitografia

<https://cdt.europa.eu/pt/iate-pt>, sítio acedido a 11/08/2019.

<https://clearwordstranslations.com/future-of-translation/>, sítio acedido a 11/08/2019.

https://www.sf-encyclopedia.com/entry/cromie_robert, sítio acedido a 12/09/2019.

<https://acervo.publico.pt/multimedia/infografia/breve-historia-da-traducao-automatica-216>, sítio acedido a 05/09/2019.

<https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/a-diferenca-entre-lexico-e-vocabulario/34888> [consultado em 10-03-2020].

<https://dicionario.priberam.org/>, sítio acedido a 05/02/2019.

<https://dicionario.priberam.org/morituri+te+salutant>. Sítio acedido a 04/04/2019.

<https://dicionario.priberam.org/ret%C3%ADcula>, sítio acedido a 03/09/2019.

<https://dicionario.priberam.org/Ret%C3%ADculo>, sítio acedido a 03/09/2019.

<https://dicionario.priberam.org/reticulado>, sítio acedido a 03/09/2019.

<https://dicionario.priberam.org/termo>, sítio acedido a 05/09/2019.

<https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/>, sítio acedido a 07/08/2019.

<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/there-s-no-time-like-the-present>, sítio acedido a 09/02/2020.

<https://docs.microsoft.com/pt-br/sql/relational-databases/search/full-text-search?view=sql-server-2017>, sítio acessido a 07/10/2019.

<https://iate.europa.eu/search/standard/result/1568367209888/1>, sítio acessido a 03/09/2019.

<https://idioms.thefreedictionary.com/is+in+your+line>. Sítio acessido a 12/03/2020.

<https://keytexttranslation.com/the-future-of-translation-in-the-age-of-artificial-intelligence/>, sítio acessido a 25/08/2019.

<https://marielebert.wordpress.com/2016/11/02/translation/>, sítio acessido a 05/09/2019.

<https://medium.com/omegat/mem%C3%B3rias-de-tradu%C3%A7%C3%A3o-no-omegat-3a577b6afb7d>, sítio acessido a 17/08/2020.

<https://proverbios-populares.blogspot.com/2011/02/nao-deixes-para-amanha.html>, sítio acessido a 09/02/2020.

<https://sites.google.com/site/farmaciatranslation/base-de-dados-terminologica>, sítio acessido a 17/08/2020.

<https://technologyadvice.com/project-management/>, sítio acessido a 24/08/2020.

<https://teiaportuguesa.tripod.com/lusografo/falsosamigos.htm>, sítio acessido a 10/03/2020.

<https://tools4translators.wordpress.com/2015/09/04/gestores-de-terminologia-outra-herramienta-util-para-tener-en-cuenta-a-la-hora-de-traducir/>, sítio acessido a 11/08/2020.

<https://traduzirliteratura.blogspot.com/2016/03/tendencias-deformantes-em-traducao.html>, sítio acessido a 08/02/2020.

<https://translate.google.pt/?hl=en&tab=wT>, sítio acedido a 18/05/2019.

<https://translate.google.pt/?hl=pt-PT&tab=wT1#view=home&op=translate&sl=en&tl=pt&text=grandmotherly>, sítio acedido a 08/09/2019.

https://www.astrotheme.com/astrology/Carlo_Emilio_Gadda, sítio acedido a 04/11/2019.

<https://www.ccuec.unicamp.br/ccuec/noticias/2011/07/08/que-tal-usar-um-corretor-gramatical-eficaz-e-gratuito-para-lingua-portuguesa>, sítio acedido a 17/08/2020.

<https://www.collinsdictionary.com/dictionary/english/>, sítio acedido a 01/03/2019.

<https://www.collinsdictionary.com/pt/dictionary/english/grandmotherly>, sítio acedido a 05/08/2019.

<https://www.daytranslations.com/blog/history-of-translation/>, sítio acedido a 05/09/2019.

<https://www.dictionary.com>, sítio acedido a 19/03/2019.

<https://www.flip.pt/modulos/corretor-ortografico>, sítio acedido a 17/08/2020.

<https://www.google.pt/>, sítio acedido a 07/08/2019.

<https://www.hrc.utexas.edu/gutenberg-bible/>, sítio acedido a 07/09/2019.

<https://www.infopedia.pt/>, sítio acedido a 07/08/2019.

<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/ret%C3%ADculo>, sítio acedido a 03/09/2019.

<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/termo>, sítio acedido a 05/09/2019.

<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/vernáculo>. Sítio acedido a 08/02/2020.

<https://www.ldoceonline.com/dictionary/be-in-somebody-s-line>. Sítio acedido a 12/03/2020.

<https://www.linguee.com/english-portuguese/translation/>, sítio acedido a 07/07/2019.

<https://www.merriam-webster.com/dictionary/>, sítio acedido a 07/05/2019.

<https://www.merriam-webster.com/dictionary/affectation>. Sítio acedido a 22/02/2020.

<https://www.merriam-webster.com/dictionary/swarm>, sítio acedido a 06/07/2019.

<https://www.metatexis.net/portuguese/cat.htm>, sítio acedido a 10/2/2020.

<https://www.phrases.org.uk/meanings/fiddlesticks.html>, sitio acedido a 20/07/2020.

<https://www.septuagint.net/>, sítio acedido a 10/10/2019.

<https://www.theguardian.com/books/2009/nov/08/tin-drum-gunter-grass-review>, sítio acedido a 28/08/2019.

<https://www.traductanet.pt/blog/breve-historia-da-traducao-automatica-ii-os-anos-de-viragem-e-a-traducao-online>, sítio acedido a 05/09/2019.

<https://www.traductanet.pt/blog/breve-historia-da-traducao-automatica-i-os-primeiros-anos>, sítio acedido a 05/09/2019.

<https://www.vocabulary.com/dictionary/>, sítio acedido a 04/06/2019.

<https://zaumlangs.com/memoria-de-traducao-e-glossario/>, sítio acessido a 17/08/2020.

Bibliografia

Antunes, Irlandé (2012). *Território das Palavras: Estudo do Léxico em Sala de Aula*. São Paulo: Parábola Editorial.

Baker, Mona (1992). *In Other Words — A coursebook on translation*. London: Routledge.

Barrento, João (2002). *O Poço de Babel. Para uma Poética da Tradução Literária*. Lisboa: Relógio D'Água.

Basílio, Margarida (2004). *Formação e Classes de Palavras no Português do Brasil*. São Paulo: Editora Contexto.

Berman, Antoine (1984). *L'épreuve de l'étranger: culture et traduction dans l'Allemagne romantique: Herder, Goethe, Schlegel, Novalis, Humboldt, Schleiermacher, Hölderlin*. Paris: Gallimard. [versão em inglês: *Translation and the trials of the foreign*, parcialmente disponível em Venuti, Lawrence (2000). *The Translation Studies Reader*. London /New York: Routledge]

Berman, Antoine (2004). *Translation and the trials of the foreign*. London/New York: Routledge.

Bhateja, Vikrant; Tavares, João Manuel; Rani, Padmaja; Prasad, Kamakshi; Raju, Srujan (orgs.) (2018). *Proceedings of the Second International Conference on Computational Intelligence and Informatics: ICCII 2017*. Singapore: Springer.

Biderman, Maria Teresa (2001). *Teoria Linguística: Teoria Lexical e Teoria Computacional*. São Paulo: Martins Fontes.

Bowker, Lynne (2002). *Computer-aided Translation Technology: A Practical Introduction*. Ottawa: University of Ottawa Press.

Bustamante, Ana Goulart & de Almeida Mathias, Márcia (2006). *Glossário de Termos para a Padronização de Nomes Geográficos*. Lisboa: Contrapor2006, 1ª Conferência de Tradução Portuguesa.

Cabré, M. Teresa (1993). *La terminología: Teoría, metodología, aplicaciones*. Barcelona: Editorial Antártida / Empúries.

Carvalho, Marcos (2015). *Alinhamento de Textos e Memórias de Tradução em Ambiente de Empresa*. Relatório de estágio, Mestrado em Tradução. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.

Chesterman, Andrew (2000). Memetics and Translation Strategies. *Synapse*, 5: 1-17

Correia, Margarita (2000). Homonímia e polissemia – contributos para a delimitação dos conceitos. *Palavras*, 19: 57-75.

Correia, Margarita (2005). Terminologia, neologia e normalização: como tratar os empréstimos neológicos. *Terminómetro* (número especial dedicado à terminologia em Portugal e países de língua portuguesa em África): 15-20.

Costa, João Almeida & Melo, António de Sampaio (coords.) (2009). *Dicionário da Língua Portuguesa*, 7ª edição. Porto: Porto Editora.

Coutinho, Andréa (2008). Ficção Científica: narrativa do mundo contemporâneo. *Revista de Letras*, 1 (1): 15-26.

Cunha, Celso & Cintra, Luís Filipe Lindley (1986). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.

De Amorim, Renato & Zampieri, Marcos (2013). Effective Spell Checking Methods Using Clustering Algorithms. *Proceedings of Recent Advances in Natural Language Processing (RANLP2013)*. Hissar, Bulgaria, pp. 172-178.

Dear, Ian & Kemp, Peter (2006). *The Oxford Companion to Ships and the Sea (2 ed.)*. Oxford: Oxford University Press.

Dragsted, Barbara (2004). *Segmentation in translation and translation memory systems: An empirical investigation of cognitive segmentation and effects of integrating a TM system into the translation process*. Copenhagen: Samfundslitteratur.

Freitas, Tiago; Ramilo, M. Celeste; Soalheiro, Elisabete (2005). O processo de integração dos estrangeirismos no português europeu. In Amália Mendes e Tiago Freitas (orgs.). *Actas do XVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Colibri, pp. 371-385.

Furlan, Mauri (2003). Brevíssima história da teoria da tradução no Ocidente - II. A Idade Média. *Cadernos de Tradução*, 2(12): 9-28.

Glossary of Nautical Terms: English — Portuguese / Portuguese — English, Approved and Released by: Dal Bailey, DIR-IC, United States Coast Guard Auxiliary Interpreter Corps, <http://icdept.cgaux.org/>, 29/06/2012.

Hockey, Susan & Martin, Jeremy (1987). The Oxford Concordance Program Version 2. *Literary and Linguistic Computing*, 2(2): 125–131.

Ilari, Rodolfo (2002). *Introdução ao Estudo do Léxico: Brincando com as Palavras*. São Paulo: Contexto.

Jakobson, Roman (1959). *On Linguistic Aspects of Translation*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.

Kay, Martin (1997). The Proper Place of Men and Machines in Language Translation. *Machine Translation*, 12 (1–2): 3–23.

Lagoudaki, Elina (2006). *Translation Memory systems: Enlightening users' perspective. Key finding of the TM Survey 2006 carried out during July and August 2006*. London: Imperial College London.

Lathey, Gillian (2006). *The Translation of Children's Literature: a Reader*. Clevedon: Multilingual Matters.

Leffa, Vilson J. (2006) O dicionário eletrônico na construção do sentido em língua estrangeira. *Cadernos de Tradução*, 2(18): 319-340.

Marques, Isilda Gaspar (2009). *Anáfora associativa - propostas de abordagem em contexto escolar*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Medeiros, Maria da Paz Nunes de (1995). A prova por redução ao absurdo na lógica clássica. *Princípios*, 2(2): 120-125.

Mendes, Amália (2013) Organização textual e articulação de orações. In Raposo *et al.* (orgs.) *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 1691-1755.

Nord, Christiane (1991). *Text Analysis in Translation*. Amsterdam: Rodopi.

Nord, Christiane (1997). Defining translation functions. The translation brief as a guideline for the trainee translator. *Ilha do Desterro*, 33: 41-55..

O'Hagan, Minako. (2009). Computer-aided translation (CAT). In Mona Baker & Gabriela Saldanha (orgs.). *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. London: Routledge, pp. 48-51.

Ovídio (1 d.C.). *Metamorphoses (Metamorfoses)*. Tradução de Vera Lúcia Leitão Magyar. São Paulo: Madras Editora, 2003).

Papponetti, Giuseppe (2002). *Gadda – D'Annunzio e il lavoro italiano*. Roma: Fondazione Ignazio Silone.

Peterson, James (1980). Computer Programs for Detecting and Correcting Spelling Errors. *Communications of the ACM*, 23(12): 676-687.

Pinto, José Manuel de Castro (1998). *Novo Prontuário Ortográfico*. Lisboa: Plátano Editora.

Rebouças, Eduardo Melo (2019). *Léxico, Texto e Ensino de Língua Estrangeira: os Heterossemânticos Parciais na Interface Espanhol-Português*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília.

Saeed, John I. (2003). *Semantics*. Oxford: Blackwell.

Said, Fabio M. (2011). *Fidus interpres: a prática da tradução profissional*. São Paulo: edição do autor.

Santos, Agenor Soares dos (1995). *Guia Prático de Tradução Inglesa*. São Paulo: Cultrix.

São Jerónimo (395-6). *Ad Pammachium: de optime genere interpretandi*. (Carta a Pamáquio. Tradução de Aires A. Nascimento, Lisboa: Cosmos, 1995).

Schleiermacher, Friedrich Daniel Ernst (1813). *Über die verschiedenen Methoden des Übersetzens*. Berlin: Abhandlungen der Königlichen Akademie der Wissenschaften in

Berlin, Königliche Akademie der Wissenschaften [trad. portuguesa de José Miranda Justo, *Sobre os Diferentes Métodos de Traduzir*. Porto: Porto Editora, 2003].

Somers, H. (org.)(2003). *Computers and Translation: A Translator's Guide*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.

Venuti, Lawrence (1994). *The translator's invisibility*. New York: Routledge.

Venuti, Lawrence (2000). *The Translation studies reader*. New York: Routledge.

Vilela, Mário (1995). *Ensino da Língua Portuguesa: Léxico, Dicionário, Gramática*. Coimbra: Livraria Almedina.

Vinay, Jean-Paul & Darbelnet, Jean (1972). *Stylistique Comparée du Français et de l'Anglais*. Paris: Librairie Marcel Didier.

Vinay, Jean-Paul & Darbelnet, Jean (2000). A Methodology for Translation. In: Lawrence Venuti (org.) *The Translation Studies Reader*. London/New York: Routledge, pp 84-133.

Webster's New World College Dictionary, 4th Edition. Copyright © 2010 by Houghton Mifflin Harcourt.

Wittgenstein, Ludwig (1921). *Tractatus Logico-Philosophicus*. Leipzig: W. Ostwald's Annalen der Naturphilosophie – Verlag von Veit & Comp.